

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***HORTÊNCIO MACIEL***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Hortêncio Ribeiro Maciel (HM)

Entrevistadora – Laurinda Rosa Maciel (LM)

Data – 04/08/2003

Local – Bayeux/PB

Duração – 1h54min

Transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade – Mariana Santos Damasco e Laurinda Rosa Maciel

Sumário – Mariana Santos Damasco e Laurinda Rosa Maciel

Resenha biográfica - Mariana Santos Damasco e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MACIEL, Hortêncio Ribeiro. *Hortêncio Maciel. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 54p.

## Resenha biográfica

Hortêncio Ribeiro Maciel nasceu no dia 26 de março de 1931, em São João do Rio do Peixe, no Alto Sertão da Paraíba. Sua família sempre foi muito unida e religiosa, tendo como hábito a comemoração de todos os feriados santos.

Conviveu durante muitos anos com um tio com hanseníase e é provável que este tenha lhe transmitido a doença. Os primeiros sintomas apareceram em 1941, aos 10 anos de idade, quando sua mãe notou manchas por todo seu corpo. O diagnóstico foi dado dias mais tarde pelo Dr. Leão Sampaio, médico da região.

Como não havia nesse período leprosário na Paraíba, o depoente ficou durante oito anos isolado em um cômodo próximo à residência de sua família. Somente em 1949 foi internado na colônia Getúlio Vargas/PB.

Dentro da colônia, inicia seu tratamento com medicamentos específicos para a doença e durante o período em que esteve internado, Hortêncio desempenhou as mais variadas atividades, tais como responsável pelo almoxarifado, enfermeiro, carcereiro, barbeiro, garçom e prefeito da colônia Getúlio Vargas.

Em 1961, foi para a colônia Antônio Justa, no Ceará, para trabalhar como enfermeiro. Em 1964, voltou para a colônia Getúlio Vargas e já de alta, casou-se e trabalhava na farmácia da colônia. Em 1981, Hortêncio deixa a colônia Getúlio Vargas e vai morar na região de Alto do Mateus junto da esposa. Cerca de dois anos mais tarde foi contratado pela Secretária Estadual de Saúde (SES) da Paraíba e retorna à colônia Getúlio Vargas para trabalhar como funcionário.

Hortêncio pertenceu ao Conselho de Saúde da colônia Getúlio Vargas e é membro atuante do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN). Escreveu um livro, “O amor à vida não me faltou – trajetória de um ex-doente de hanseníase”<sup>1</sup>, em 2003 junto com a enfermeira e professora da Universidade Federal da Paraíba, Clélia Albino Simpson de Miranda, narrando toda sua trajetória de vida como paciente e ex-paciente de hanseníase. Aposentou-se pela Previdência Social e residiu vários anos em uma casa na área pertencente à colônia Getúlio Vargas. Faleceu em março de 2009.

---

<sup>1</sup> MIRANDA, Clélia Albino Simpson e MACIEL, Hortêncio Ribeiro. **O amor à vida não me faltou – trajetória de um ex-doente de hanseníase**. João Pessoa: Ed.Universitária, 2003.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

Menção à origem familiar, pais e irmãos; relato sobre um tio hanseniano e o aparecimento dos primeiros sintomas da doença em 1941, aos 10 anos de idade; o diagnóstico preciso de hanseníase feito pelo médico pelo Dr. Leão Sampaio; relato contundente sobre o isolamento pelo qual passou numa casa próxima à residência de sua família durante oito anos; a tristeza de sua mãe e a ida, em um caminhão de lixo, para a colônia Getúlio Vargas na Paraíba em 1949; o diagnóstico de hanseníase na mãe do depoente; sua admiração e pelos pássaros e menção ao período em que esteve muito próximo da morte.

### Fita 1 – Lado B

Relato sobre a surpreendente melhora de seu estado de saúde em 1957 e a licença de dez dias para visitar a família; os casos de preconceitos sofridos e relato sobre suas peraltices na infância e as brigas com a mãe; a chegada na colônia Getúlio Vargas e descrição de aspectos cotidianos, como a relação dos pacientes com médicos e enfermeiros, medicamentos utilizados e vida social; narrativa sobre o trabalho de responsável pela farmácia da colônia e o cargo de enfermeiro ocupado a partir de 1957; o namoro com uma das internas da colônia, o casamento em 1964 e os quatro filhos levados para o preventório minutos depois do nascimento; comentários sobre Francisca Estrela Dantas Maroja e Humberto Cartaxo, médicos e diretores da Colônia Getúlio Vargas; menção ao filme “Os melhores anos de nossas vidas” projetado durante o XI Encontro Nacional do MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase), realizado em 2003, no Rio de Janeiro; a breve passagem pela colônia Antônio Justa, no Ceará, entre 1961 e 1963 e sua atuação como enfermeiro; a volta para a colônia Getúlio Vargas, na Paraíba, em 1964.

### Fita 2 – Lado A

Sobre a aposentadoria; comentários sobre as comissões de alta na Paraíba; profissões que exerceu dentro e fora da colônia, tais como enfermeiro, garçom, barbeiro e carcereiro; as atividades culturais na instituição e o jornal *Porvir*, criado pelos internos da colônia Getúlio Vargas; a escola na colônia e o discurso feito na visita do governador da Paraíba, José Américo de Almeida, em 1954; a respeito dos diretores Humberto Cartaxo e Elizabeth Soares de Oliveira; a extinção da lei de isolamento compulsório em leprosários e colônias e a criação do MORHAN, em 1981; a saída da colônia Getúlio Vargas, em 1981, e a ida para a região do Alto de Mateus, na Paraíba; o estigma que envolve a doença e as deformidades causadas por ela; a conclusão do Ensino Fundamental; comentários sobre o atual tratamento da hanseníase e sobre um sobrinho doente; o contrato com a Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba e o retorno à Colônia Getúlio Vargas, na condição de funcionário em 1983.

### Fita 2 – Lado B

Sua indicação para compor o Conselho de Saúde; sobre o período em que atuou como prefeito da colônia, a cadeia existente na instituição e o tempo em que foi carcereiro; relatos diversos sobre questões referentes a hanseníase, tais como preconceito, estigma e

tratamento; as cirurgias reparadoras sofridas pelo depoente; as dificuldades passadas por um hanseniano e um ex-hanseniano e a superação destes obstáculos; menção ao livro publicado em parceria com Clélia Albino Simpson de Miranda, enfermeira e professora da Universidade Federal da Paraíba, em 2003.

Projeto – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Hortêncio Ribeiro Maciel (HM)

Entrevistadora – Laurinda Rosa Maciel (LM)

Data: 04/08/2003

### Fita 1 – Lado A\*

LM: Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes, entrevista com o senhor Hortêncio Ribeiro Maciel, hoje é dia quatro de agosto de dois mil e três, nós estamos aqui na Colônia Getúlio Vargas que fica no município de Bayeux, próximo a João Pessoa, Paraíba. Essa é a fita número 1, eu sou Laurinda e vamos começar não é seu Hortêncio? Eu queria que o senhor falasse para gente o seu nome todo, onde o senhor nasceu, qual o nome dos seus pais, se o senhor tem irmãos e as suas primeiras lembranças da infância.

HM: Olha, tem até demais. A minha família é de São João do Rio do Peixe, família do padre Sá, por sinal eu sou primo legítimo da prefeita de São Paulo, [Luiza] Erundina. A Luiza Erundina é minha prima, o pai dela era irmão de mamãe e eu quando... os meus dez anos, pela primeira vez fui estudar na casa de um dia minha, tia Clara.

LM: O senhor tem irmãos?

HM: Tenho, o pai de Raimundo que estava ali...

LM: Isso.

HM: Mas ele já faleceu. Hoje da minha família só existem três pessoas, é Francisquinha que está em Fortaleza e Geraldo que mora no sítio que papai deixou e eu estou aqui. Geraldo está com 60 e poucos anos, Francisquinha com 60 e poucos, eles estão tudo nessa faixa de...

LM: Está bom.

HM: Vamos ver quem é que vai primeiro, não é? (**risos**)

LM: O senhor nasceu quando?

---

#### \* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *itálico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensando, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em (**negrito e entre parênteses**) - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

HM: No dia 26 de março de 1931.

LM: Aqui em...

HM: Em São João do Rio do Peixe, Antenor Navarro, perto de Brejo das Freiras...

LM: Que é... é aqui perto mesmo de João Pessoa?

HM: Não, é no alto sertão.

LM: No alto sertão. Ah, está certo.

HM: Que para eu chegar aqui, quando eu adoeci a Colônia não estava inaugurada.

LM: Pois é, como foi que o senhor adoeceu, como o senhor descobriu que tinha a doença, o senhor tem lembrança disso?

HM: Tenho... tenho lembrança porque foi o seguinte, veio um tio meio do Amazonas, irmão de papai, que na seca de 1917, houve uma seca na Paraíba e meu avô por parte de papai foi para lá, lá ele faleceu e minha avó também. E um irmão de papai, que ele só levou um, porque papai já era casado. E tio Antônio foi para lá com seus 16 anos quando meu avô morreu. Ele não pode voltar logo porque ainda não tinha documento para vir se embora para Paraíba. Aí ficou lá no Amazonas, na casa de um senhor onde tinha uma filha doente de hanseníase. E ele falou que quando era de noite, ele morava naquela casa e tinha aquela moça isolada dentro de um quarto, no fundo do quintal. E de noite o pai daquela moça, a mãe fechavam a porta e ele que estava morando que era do nordeste, da Paraíba, paraibano e estava lá vivendo às custas deles, ficava na obrigação, ao mesmo ele gostava de fazer aquilo, eles iam para uma sala lá e ia jogar baralho, um divertimento para aquela moça que vivia isolada ali dentro. Aí ele viveu uma temporada quando ele atingiu a idade de poder viajar, ele veio para a Paraíba e ficou na casa de meu pai. Começou a piorar, ficando doente, não é? Aí minha mãe dizia: ‘ - O Antônio, tu estás tão roxo, tão vermelho que negócio é esse?’, ele dizia: ‘ - Eu estou intoxicado, vou comprar um depurativo, estou intoxicado’.

LM: Mas já era hanseníase?

HM: Era hanseníase e ele talvez já tivesse começado a desconfiar. Quando foi um dia, um senhor que vinha do Ceará para Poço de Zé Moura, onde tinha uma pessoa que rezava, passou na frente lá de casa para perguntar a estrada e pedir água. Quando ele avistou o meu tio simplesmente ele disse: ‘ - Essa estrada aqui vai para o Poço de Zé de Moura?’ Aí meu tio disse: ‘ - Vai’.

LM: Vai para onde?

HM: Para o Poço de Zé de Moura?.

LM: O Poço de Zé de Moura?

HM: O Poço de Zé de Moura? É uma cidadezinha chamada de Poço.

LM: Ah! Está bom.

HM: Aí quando a pessoa sai, andou como daqui ali, onde nós estávamos, mais ou menos, era a casa do meu tio, onde meu pai estava lá. Aí a pessoa pediu água e disse: ‘ - Quem é o dono daquela casa ali, que tem um rapaz, eu ia pedir água, não pedi porque ele é leproso e eu tive medo’. Aí meu tio disse: ‘ - Olha, o dono da casa é esse aí’. ‘ - É o senhor? Aquela pessoa, o senhor sabe que aquela pessoa está doente e a doença é essa assim, assim?’. Papai não sabia não, papai voltou chegou e disse: ‘ - Antônio, tem uma pessoa que pediu água a você... ia pedir água e não pediu porque lhe viu e disse que você tem essa doença assim e assim, você é leproso, ele disse que você era leproso’. Ele disse: ‘ - Olha...’ O nome do meu pai era Francisco Ribeiro Maciel, mas o apelido de Tuca, ele disse: ‘ - Olha, Tuca, eu já estava desconfiando disso, eu estava desconfiando porque no Amazonas eu vivi na casa de uma moça com esse problema’.

LM: Entendi.

HM: Aí isso foi em [19]35, eu era garoto de 4 anos, porque eu nasci de [19]31. E ele como meu tio, ele tocava violão muito bem, gostava de seresta, aí cantava aquelas músicas antigas de Nelson Gonçalves, aí desses cantores antigos e sempre comigo. Agora, ele me beijava e cheirava, e eu notava que saía um mau-hálito do nariz dele. Aí bem, quando...

LM: Um cheiro ruim...

HM: É um cheiro esquisito. Aí bem, quando aconteceu isso ele disse: ‘ - Mas eu vou me embora, vou voltar’. Aí quando ele chegou, se arrumou com dois ou três dias, se arrumou para ir se embora para o Amazonas porque lá ele sabia que tinha o hospital. Quando chegou em Fortaleza para pegar o navio para ir para o Amazonas, a doença já estava tão avançada que conheceram; aí disseram que ele tinha que ir na Secretaria de Saúde, lá na Secretaria de Saúde encaminharam ele para Colônia Antônio Diogo na parte do Ceará.

LM: Certo.

HM: Aí ele ficou internado na Colônia Antônio Diogo. Ele não podia ir mais nem ir para a Paraíba nem vim... ficou...

LM: Nem ir para Amazonas...

HM: Parou no Ceará. Depois dele estar no Ceará, isso em [19]35 para [19]36, ele casou-se, ficou na Colônia dando notícia para gente e nós tudo bem. Quando foi em [19]41 ele já tinha passado esse tempo todinho e a doença dentro de mim sem se manifestar.

LM: É, porque ela demora...

HM: Demora, é.

LM: ... de 5 a 10 anos para se manifestar.

HM: É. Em [19]41 minha mãe inventou de colocar eu na escola na casa de tia Clara, nesse lugar chamado...



LM: Então, quer dizer que o senhor tinha dez anos.

HM: Tinha 10 anos. Aí minha mãe me levou para casa de minha tia para estudar. Quando chega o mês de maio que minha mãe, na casa hoje de meu pai tem uma igreja e com o busto de Nossa Senhora da Conceição porque ela era muito devota de Nossa Senhora da Conceição. Aí eu fui pra casa de tia Clara, isso em fevereiro para escola do estado, mas aprendi pouco porque estava lendo a cartilha muito pouco. Quando foi derradeiro de maio, ela fazia questão dos filhos estar todos junto com a família, foi quando ela mandou o pai desse Raimundo, que está ali, ir me buscar para eu assistir o derradeiro de maio, no outro dia eu voltar para casa da minha tia porque eu estava estudando. Aí quando foi de noite na hora do novenário ficava todo mundo na sala, ficamos sentadinhos calados, rezando...

LM: Às 6 horas?

HM: 6 horas para às 7 horas da noite, não sabe? E eu fiquei sentado perto de um cunhado meu. Eu era menino, mas ela não deixava nós ir brincar no terreno não, tinha que primeiro assistir a novena...

LM: Cunhado do senhor?

HM: Casado com uma irmã minha.

LM: Ah, tá.

HM: Aí ele ficou perto de mim e eu só era (**fica fungando imitando a situação**) nariz entupido, mas eu estava na casa de minha tia Clara e a doença estava se manifestando em mim. Aí ele disse: ‘ - Hortêncio, tu estás gripado, com fungado?’, eu disse: ‘ - É, mais Zé Guilherme, eu todo dia amanheço com o nariz entupido, quando não é um lado é o outro’. Aí ele disse: ‘ - E, é?’ Eu disse: ‘ - É’. Aí ele ficou olhando, olhando. Terminou a novena eu fui lá para fora brincar com os meninos, os garotos, irmãos meus... tinha Geraldo, tinha Severino ainda que era jovem um bocado de garoto, tudo brincando no terreiro correndo, aquelas brincadeiras. E, em dado momento eu invento de ir lá na cozinha, a minha mãe estava fazendo café para o pessoal que tinha assistido a novena, ia haver um leilão, uma brincadeira, os cantores de xote, aí eu chego lá e está o Zé Guilherme conversando e eu notei mamãe assim como quem estava chorando, e olhe que Zé Guilherme disse logo assim: ‘ - Moça, aquilo que está em Hortêncio, se não é gripe é riscado a ser a doença do tio’. Aí mamãe olhou assim, eu vi que ela estava chorando e aconteceu que ouvi meu nome, que era em torno de minha pessoa.

LM: Sei.

HM: Aí voltei para brincar, quando foi de manhã bem cedo... a gente estava certo que Severino ia me deixar pra eu ir voltar para casa de tia Clara. Aí mamãe disse: ‘ - Hortêncio, você só vai para casa de Clara depois do almoço da tarde, não vai agora de manhã não, eu vou lá para o rio levar umas roupas e você vai mais eu para eu lhe dar um banho’. Eu disse: ‘Aí não mamãe, não precisa a senhora dá banho em mim não, eu já tenho 10 anos, não quero mais tomar banho com a senhora não, não sei o quê’. Fiz força para... ela disse: ‘ - Você vai tomar e quem vai sou eu, porque você não pode se esfregar direito e você está na casa de sua tia e precisa que eu...

LM: Ela queria observar o seu corpo sobre as manchas, não é?

HM: Era. Aí quando ela disse isso eu tinha que me acostumar, não é? Conformar e pronto. Ela foi pra o rio, eu fui com ela. Ela lavou umas roupas depois disse: ‘ - Chega, Hortêncio, vem tira a roupa aí’. Porque eu descii de calção, de costa para ela e ela ficou assim jogando água em mim. Aí disse... em dado momento ela jogando água, eu olhei mamãe como se tivesse chorando. Aí ela disse: ‘ - Hortêncio, meu filho, que manchas são essas na sua bunda?’, ela não chamou nádega... mas ela disse: ‘ - Hortêncio, que manchas são essas na sua bunda? Você tem umas manchas brancas’. Eu tinha cada uma mancha em cima das nádegas assim. Aí eu disse: ‘ - Mamãe eu não sei o que é não’, ela disse: ‘ - Dói meu filho?’ Eu disse: ‘ - Dói nada mamãe, nem coça, às vezes eu belisco assim a minha nádega não sinto e aqui mamãe...’ Aí eu disse: ‘ - Olha aqui mamãe...’

LM: No braço também.

HM: No braço tinha aquela mancha branca e eu fazia ham (**imitando beliscão ou mordida**) Aí os meninos diziam, ‘Esse é tão ruim que dá um beliscão, uma mordida com os dentes, ele corta um pedaço de carne ele não chora, nem resmunga’, aí mamãe chorou, voltou aí ficou conversando com meu pai e disse: ‘ - Hortêncio tem que se consultar, fazer um exame para poder voltar para casa da tia, não pode ir não, Hortêncio está doente’. Ele: ‘ - O que ele tem?’ ‘ - Ele está doente e é a doença de teu pai... de teu irmão. Eu estou pensando que é’. Aí mamãe chorava muito. Eu disse: ‘ - O que é mamãe?’ ‘ - Nada meu filho, não é nada não.’ Aí com uns quatro ou cinco dia dias no mês de junho, porque tinha sido derradeiro de maio aí vinha, entrava o Ceará Barbalho me receitar com o Dr. Leão Sampaio.

LM: Leão Sampaio?

HM: Dr. Leão Sampaio, sim. Foi quem me...

LM: O nome da cidade é o quê? Barbalho?

HM: É, Barbalho no Ceará. É Barbalho, Juazeiro e Crato, são três cidades juntas.

LM: Está certo.

HM: É, quando meu tio entrou na frente e disse: ‘ - Olha eu tenho um sobrinho meu aí para se consultar, a gente está pensando que ele está com essa doença assim e assim, fizemos...’ Aí ele informou que a gente... queria que ele esmiuçasse bem direitinho a consulta para vê se na realidade era o que eles estavam prevendo que ia ser, não é? Aí chegou a minha vez, aí eu entrei. Ele olhou para mim, mandou em me sentar. ‘ - Tira a camisa, garoto.’ Aí eu tirei; ele olhou, olhou, aí virou pra meu tio assim: ‘ - Quem é que está dizendo que esse menino tem essa doença? Quem anda com essa conversa?’, aí meu tio: ‘ - É o povo que conviveu com o meu tio e a gente está supondo que ele pode ter esse problema, não sei o quê...’. E ele escrevendo lá assim, com o lápis desse jeito, mexendo e fazendo essas perguntas a meu tio. Aí em dado momento tinha a janela do consultório assim, aí eu olhei assim para... pra fora, olhei, virei o rosto assim. Quando eu virei ele: ‘ - Pare, pare, pare!’, aí quando eu parei assim ele: ‘ - Fica assim, fica, pode ficar, aí fez assim: É, na realidade o menino é morfético’. Eu não sei porque naquele tempo...

LM: É, morféia, se chamava morféia também.

HM: É morféia. ‘ - O menino é morfético’, aí meu tio disse: ‘ - E agora o que se faz com ele?’, ele disse: ‘ - Olha, não sei... parece que a Paraíba ainda não tem leprosário, mas e nem eu posso encaminhar ele para o Ceará e nem para o Rio Grande do Norte’, que era o estado vizinho que tinha hospitais.

LM: Isso.

HM: Que tinha leprosário como chamava na época. Aí disse: ‘ - Você volta com ele, isola ele dentro de casa num quatinho, em casa a mãe separa as coisinhas dele e quando inaugurar o hospital lá em João Pessoa, leva ele. Não tem perigo, não vai ter perigo dele ficar na rua. Tenha cuidado para ele não estar brincando com os outros, separar ele dos outros’. Aí tomou as precauções, não é? Aí eu voltei de lá. Aí mamãe chorava muito, dizia: ‘ - Meu filho, você não vai mais estudar, você está doente’. ‘ - Mamãe, mas eu não sinto nada mamãe, esse médico não sabe é de nada. Eu não sinto dor, não sinto nada, eu digo como é que eu estou doente?’ ‘ - É meu filho você está doente’. Aí separaram num quarto, que era a dispensa, tiraram tudo de dentro aí eu fiquei lá, a redinha, a minha rede... uns trocinhos meus, arranjaram uma maletinha para mim para botar minha roupa. Mamãe separou, prato, copo e tudo e eu fiquei naquela vida. Não saía porque eu obedecia demais a minha mãe, eu ficava só no quintal assim depois do escurecer; só o Geraldo meu irmão vinha onde eu estava. Aí quando foi um dia, meu pai recebe uma intimação que veio de São João do Rio do Peixe.

LM: São João do Rio do Peixe era aquele município...

HM: Era, aquele município...

LM: Próximo.

HM: Aí papai disse: ‘ - Intimação? O que foi que eu fiz?’

LM: Intimação policial?

HM: Policial. Papai disse: ‘ - Eu não estou devendo imposto, não estou devendo nada, não fiz crime, não matei...’

LM: Isso em [19]42, por aí...?

HM: Não, ainda no mês de [19]41, lá para o fim de [19]41. Eu não passei nem três meses dentro de casa. Aí papai chegou foi, quando chegou lá foi para delegacia com a intimação, chegou um soldado (**inaudível**). Quando chegou lá, aí o rapaz disse, o delegado disse: ‘ - Olha, a conversa que nós vamos ter com você não é aqui não, é na prefeitura’. Papai se complicou mais: ‘ - Mas prefeitura, o que o será?’ Quando chegou lá o prefeito foi logo dizendo: ‘ - Corre rumores por aqui e somos sabedores que o senhor está com uma criança leprosa dentro de casa. Se o senhor não procurar retirar esse menino da sua casa, não vai sair nada. Você tem que retirar ele, eu só não fui e não posso mandar retirá-lo porque o senhor é proprietário e mora no que é seu, mas se sua propriedade é grande, o senhor faça

uma casinha para ele distante e que ele não venha perto e muito cuidado com as correntezas de água para ele não está tomando banho para não....’

LM: Seu Hortêncio seu pai trabalhava com o quê?

HM: Meu pai era marchante, matava gado. Toda sexta-feira ele matava gado para, no sábado e domingo, estar vendendo...

LM: Vender. E por isso que o policial falou: ‘ - Da sua casa não sai mais nada, não é?’

HM: Foi... aí disse que lá de casa não saía mais nada...

LM: Nesse sentido.

HM: Nesse sentido, mas também porque meu pai lavrava algodão. Muito! Vendia algodão, vendia milho, vendia arroz, que ele tinha muito trabalhador. Aquela Isabel que eu falei que ela chegou em [19]68, o pai dela foi morador da gente muitos tempos. Depois saiu, com uns tempos que ele saiu, aí ela piorou, mas quando ela foi-se embora para o lar da gente eu já estava aqui.

LM: Certo. Então, quer dizer e aí o policial mandou o seu pai construir uma casinha isolada.

HM: Foi assim, o prefeito junto do delegado.

LM: O prefeito.

HM: Aí papai quando chega, eu só via as reuniões e cada reunião era os meus tios, um irmão meu casado, esse cunhado que era casado com minha irmã, mamãe na sala e eu escondidinho dentro da sala, via que aquela reunião era em torno de mim; mamãe chorando muito. Aí, quando foi um dia ele terminou uma reunião, aí mamãe disse: ‘ - Hortêncio, meu filho, vamos fazer uma casa por causa dessa sua doença, para não pegar nos irmãos, vamos fazer uma casinha para você dentro do mato e meu filho você vai morar sozinho’. Aí começou a chorar. Eu disse: ‘ - Não, mamãe, não chore não, e eu vou morrer? Eu estou bem, mamãe, não chore, não, não estou sentindo dor não mamãe, não chore não, não sei o quê’. Aí ela disse: ‘ - É, vamos construir’. Com uns três dias fizeram uma casinha para mim menor que essa, uma portinha e uma janelinha.

LM: Só o suficiente para botar uma cama...?

HM: Não, era rede.

LM: Uma rede. É, exato.

HM: Uma rede. Uma redinha.

LM: Uma rede para o senhor poder dormir.

HM: É para mim dormir. Aí eu disse: ‘ - Mamãe’. Ela disse: ‘ - Olha, meu filho eu vim trazer seu comer, seu café da manhã, leite e na hora do almoço, eu trago o seu comer e de

tarde'. ' - Mamãe, vai ser é trabalho'. ' - É, meu filho, mas você não pode pegar lá no fundo do quintal, porque alguém lhe vê. Lá é destampado e o homem recomendou a seu pai que não é para ninguém daqui do município, ali onde passar lhe avistar. Você é para ficar completamente escondido da turma.' ' - Então tá, não tem problema, somente que mamãe agora todo dia tem esse trabalho'. ' - Não meu filho não tem problema, eu vou fazer tudo isso'. Aí ela disse... eu disse: ' - Mamãe, quando a senhora for levar comer para mim...' Naquele tempo moía milho, fazia... peneirava, fazia massa, fazia o xerém, não é tudo tanto como hoje...

LM: Xerém? O quê que é o xerém?

HM: Xerém é os farelos do milho. Aí eu pegava aquele farelo e pedia a mamãe para levar para mim para eu criar os passarinhos.

LM: Ah, tá.

HM: Eu ia para mato, aí pegava rolinha...

LM: Para o senhor alimentar os animais?

HM: Os animais, os passarinhos, não é? E assim eu levava a minha vida.

LM: Quanto tempo o senhor ficou nessa casinha isolada?

HM: 8 anos.

LM: 8 anos!?

HM: 8 anos...

LM: O senhor saiu de lá com 18 anos?

HM: 18 anos e já ia para.. eu completei 18 anos em março de [19]49 e cheguei em dezembro de [19]49, já perto de completar 19 anos.

LM: Aqui na Colônia?

HM: Aqui na Colônia.

LM: E como que foi essa passagem, esse tempo todo que o senhor ficou isolado o senhor ficou sem contato com escola?

HM: Não, não tive não. Perdi, perdi.

LM: O senhor ficou sem contato com algumas pessoas da família também?

HM: Não, não tive de jeito nenhum.

LM: O senhor só tinha contato com a sua mãe?

HM: Só, e não tinha... nem negócio de leitura. Eu gostava muito de ler; uma tia minha que estava em Fortaleza, tia Filó, o nome dela era Ruth, mas chamavam Filó. Ela uma vez mandou um livro pra mim, a história de São Francisco, mas eu não lia bem porque eu estava lendo pouco antes de me transferir para cá.

Cheguei aqui tinha uma biblioteca e eu comecei a estudar com um companheiro daqui, aí eu aprendi um pouco. Foi quando eu passei... O livro tem muito dessas coisas todinhas que eu estou falando aqui. Aí quando eu cheguei aqui eu estava com a (inaudível). Eu digo: ‘ - Viu, mamãe, aqui é a nossa esperança... digo: - É aqui onde aquela esperança das coisas que eu dizia para mamãe porque um dia eu disse: - Mamãe...’ Ela conversando comigo eu, sentado na varanda. ‘ - Mamãe eu ainda vou andar nesse transporte’. Ela viu um avião passou lá em cima no espaço.

LM: Tá.

HM: ‘ - Olha meu filho, a tua tia Clara disse que tu não tens só essa doença não, tu és doido também’.

LM: Porque o senhor era um sonhador.

HM: Eu pensava nessas coisas. Um dia ela chegou eu estava deitado, ela chamou de longe: ‘ - Hortêncio, Hortêncio’. Eu abri a porta com dificuldade, as pernas doendo, eu já tinha ferimento nos pés. Aí ela disse: - começou a chorar – ‘ - Ah, meu Deus! Eu só imagino é um dia chegar aqui e achar meu filho morto. Olha, meu filho no dia que eu chegar aqui e ver que o senhor vai morrer naquele dia, ou não pode ficar só a noite eu venho para aqui e fico com você’. Aí eu disse: ‘ - Mamãe, eu não vou morrer não, mamãe. Mamãe eu ainda vou ficar bom, vou para esse hospital e vou casar e lhe dar neto’.

LM: (risos)

HM: Mamãe disse: ‘ - Meu filho, pelo amor de Deus, não converse essas coisas não, você é um anjo, você é um santo, você é como são Francisco de Assis’. Porque eu criava os passarinhos.

LM: Por causa dos animais.

HM: E novinhos e os passarinhos chegavam aqui e vupt, chegavam na janela e iam se embora, quando era mais tarde vinha dormir.

LM: Seu Hortêncio me diga uma coisa, o senhor disse aí que, à princípio, quando foi diagnosticada a hanseníase o senhor não sentia absolutamente nada.

HM: Não.

LM: Mas o senhor disse que nesse período que o senhor ficou isolado e até vir aqui para Colônia, o senhor já estava com sequelas da doença. O senhor já estava com ferimentos.

HM: Ah... Já.

LM: O que o senhor sentia? Como é que o senhor se conscientizou assim: ‘ - Puxa, eu estou realmente doente’.

HM: Ah, quando eu vim notar que eu estava doente, eu estava a ponto de 16 para 17 anos.

LM: E o que o senhor sentia?

HM: Ferimentos, estava com ferimento nos pés, os pés dormentes, ele fica dormente não era inchados, não é? Eu ia andar no mato e nos espinhos, me furava, fazia um ferimento. Eu já estava com ferimento mais (**inaudível**). Tive um problema nos lábios, que a senhora se entender bem direitinho, meus lábios superiores eu não tenho, se eu fosse uma mulher eu não botaria batom porque a batata aqui não tem.

LM: (**risos**)

HM: Não tem porque a doença comeu. Era uma ferida que de manhã quando eu me acordava, pegava uma bacia assim, enchia d'água, botava um pouquinho de sal e ficava até desaparecer.

LM: O senhor não tinha nenhum tratamento, nada que o senhor usasse?

HM: Não. O único tratamento...

LM: Nem para aliviar as dores?

HM: Não, não. Nem *Melhoral* naquele tempo não existia.

LM: Certo. Não, claro! Mas eu quero saber se não tinha...

HM: Agora, só era as coisas que tinha.. .

LM: Um remédio de planta, alguma coisa assim.

HM: Não, a minha mãe fazia...

LM: Isso. Algum chá, alguma coisa.

HM: Ela fazia sabe o quê? Era cozimento de aroeira, de angico.

LM: Isso, com plantas, não é?

HM: De planta. Fazia aquela água vermelha, parecia vinho.

LM: Para banhar?

HM: Trazia... uma vez ela trouxe, ainda estava muito quente. Eu lavei, queimei os pés quase todo, aquela bolha porque eu não sentia, ela não tinha orientação e eu muito pior que o pé estava todo dormente, botava aquela água estava quente demais, eu me queimava. E, eu sei que... mas como eu... depois do ferimento mamãe conversou disse: ' - Olha meu filho, você não saia não'.

LM: Isso.

HM: Aí eu ficava só deitado, lavava o pé bem lavado, cobria com um pano porque nem gaze não havia, cobria com aqueles panos pequenininhos e deitado numa rede, ele enxugava, cicatrizava a ponto que quando eu cheguei para aqui eu vinha com muito ferimento.

LM: O senhor chegou aqui com muito ferimento?

HM: Muito ferimento.

LM: O senhor chegou aqui em?

HM: No dia 25 de dezembro de [19]49, dia de festa.

LM: 25 de dezembro de [19]48?

HM: De [19]49.

LM: De [19]49?

HM: De [19]49.

LM: No dia de Natal o senhor chegou aqui?

HM: Dia de Natal. Saí de casa no dia 23 e de lá para cá já passou o dia 23, 24, no dia 25 uma hora dessa, no final da tarde... Aí eu cheguei.

LM: Me diga uma coisa seu Hortêncio, quem é que trouxe a notícia que já tinha um hospital, já tinha uma Colônia na Paraíba...

HM: Já... é...

LM: Como, o que... o senhor veio para cá.

HM: Não, através do pessoal...

LM: Isso.

HM: De São João do Rio do Peixe, de umas pessoas até da minha família, que disse: ‘ - O Hospital foi inaugurado agora no mês de junho...’. Logo, quando eu fui doente, mas aí não tinha.... viam que eu era bem melhorado, não se encarregaram de trazer logo que podia até dar para eu vir no trem.

LM: Pois é. Então de repente... aí o senhor só veio quando já estava com uma seqüela mais adiantada, não é?

HM: Com a seqüela mais, com a seqüela muito adiantada e eu com 17 anos de... desejo de sair daquele ambiente, vir morar aonde tivesse gente porque para mim foi uma surpresa quando houve essas eleições, o cara prometeu e trouxe o carro do lixo e me trouxeram quando foi de noite...



LM: Como é que é!?

HM: O carro do lixo, que carrega o lixo de João Pessoa.

LM: Como é que o senhor veio parar aqui? Foi no carro do lixo?

HM: Foi. O carro do lixo é que foi me buscar lá. Olhe, isso aqui, isso aqui tem uma cicatriz, isso era d'eu assim, sabe? Sentado num tamborete de lá de casa e botava o braço assim de dia o sol muito quente queimou isso aqui.

LM: Hum. Então o senhor chegou aqui trazido no caminhão do lixo.

HM: No caminhão do lixo e minha mãe foi...

LM: A sua mãe veio com senhor?

HM: Veio comigo.

LM: Conta para mim como é que foi.

HM: Quando chegou aqui ela não podia me deixar porque eu estava muito doente e o doutor viu que precisava d'eu ter uma companhia, ele disse: ' - A senhora estava lutando com ele, a senhora é uma pessoa muito alva, vou fazer um exame rigoroso na senhora'. E deu o diagnóstico que ela estava também; ela passou um ano e seis meses aqui tomando remédio.

LM: A sua mãe também estava com hanseníase?

HM: É, é. Foi tido com se estivesse com a doença, mas acontece que ela ficou mais pelo fato de estar me ajudando.

LM: Na sua companhia?

HM: Na minha companhia que durante esses primeiro seis meses eu levei vela na mão.

LM: Como assim levou vela na mão?

HM: É o seguinte, quando morre uma pessoa que ele é católico, não bota uma vela na mão?

LM: Isso.

HM: Aí eu tive uma reação muito forte, eu comia pouco, fiquei muito fraco a ponto que fizeram camisola para mim vestir porque uma calça assim tinha o tecido muito grosso e feria a pele, bem fininha. Aí fizeram uma ferida aqui nas nádegas, era ferida aqui nesse osso; aí o doutor mandou fazer, disse: ' - Olha, essa roupa dele já está prontinha que quando ele se pagar...'

LM: Quem era a doutora aqui?

HM: Era o Dr. Cartaxo.

LM: O senhor lembra o primeiro nome?

HM: Era doutor Humberto Cartaxo?

LM: Humberto Cartaxo?

HM: E eu fiquei... aí no dia...

LM: Ah, levou vela na mão porque achavam que o senhor tinha...

HM: Não, escuta foi assim, no dia que eu... que houve a inauguração dessa igreja, eu passei mal, estava muito doente.

LM: Dessa capela daqui da Colônia?

HM: Sim.

LM: O senhor lembra quando foi?

HM: Foi no mês de maio, isso foi no mês de maio.

LM: Em maio de [19]50?

HM: De [19]50. Aí eu, tinha uma pessoa da igreja e tudo, falaram com o padre, um frade que tinha para ir dar a extrema-unção a um paciente que tinha chegado fazia seis meses e estava só esperando a hora de comungar para morrer completamente. Aí foi ele, um pessoal, chegaram, entraram ele fez aqueles preparos assim mais distante, meio com medo, botaram até a hóstia na minha boca e estava junto com uma freira. E a freira disse mesmo assim... Quando saíram, se despediram o povo que saiu, deu a volta. **(inaudível)** aí eu ouvi quando ela disse mesmo assim: ‘ - Olha, esse só está esperando esta hora. Aí eu falei, não sei o que foi para ela ouvir, eu falei: “No São João eu estou em pé ouvindo o pessoal queimar a fogueira’. Aí depois da comunhão eu comecei a melhorar, melhorar, melhorando assim aí senti o desejo de me alimentar melhor, quando foi no outro dia mamãe recebia o leite para mim e *toddy*. Aí nesse dia eu exigi muito leite: ‘ - Mamãe, bota o copo quase cheio, tenho vontade de tomar leite, eu quero’. ‘ - Meu filho, você está muito fraco’. Mas aí ela botou o leite morninho, botou o *toddy*, dissolveu bem direitinho e me deu para eu tomar. Eu tomei todinho, chega eu suei tanto aí desmaiei “pou”, caí - O rapaz está morrendo, o rapaz está morrendo’. Correram, chamaram o enfermeiro que era o marido daquela Isabel que não está aí presente. Aí ele aplicou em mim uma coramina, é uma injeção que...

### Fita 1 – Lado B

LM: Aplicou no senhor uma injeção?

HM: De coramina.

LM: Coramina, que era um tratamento?

HM: É, para eu recuperar. Mas com tudo isso, disseram: ‘ - Acende a vela, acende que ele está morrendo’. Aí eu fiquei branco, branco, e suando e sem fala, aí fizeram, acenderam a vela, depois entornou: ‘ - Apaga...’ a vela ficou assim...

LM: Meu Deus! Seu Hortêncio.

HM: Isso no mês de maio, quando foi mês de São João eu estava na porta olhando queimar a fogueira.

LM: Está vendo?

HM: E de lá para cá, fui melhorando, fui melhorando, em [19]57 eu estava bom; recebi uma licença de 10 dias para ir visitar a minha família, aí mamãe nessa época já tinha ido. Quando eu chego lá ninguém me conheceu, eu saí muito preto e cheguei branco.

LM: (**risos**) Como assim?

HM: Não, porque a doença não atinge... ela fica.... a pessoa fica preta, roxificado.

LM: Fica escuro... é.

HM: Muda a cor, aí eu que não tinha... 8 anos sem tomar remédio, só piorando. Bem, aí quando eu cheguei lá, o pessoal não me conheceram. Eu fui para São João do Rio do Peixe, peguei o carro da feira cheguei lá, procurei a casa do meu cunhado, ele não me conheceu, pensava que eu era Tonheira, Tonheira era o pai da [Luíza] Erundina.

LM: Ah, está certo.

HM: Aí, bem... e eu cheguei... agora houve uns episódios de tristeza, assim na minha vida eu plantava muito... como eu estou aqui, eu plantava as coisas; um tia minha mandou duas maçãs bem... duas maçãs, duas mangas bem bonitas para mim. Eu chupei as mangas e peguei os caroços e plantei e aí era aquele trabalho, aguando as mangas, mamãe chegava a brigar: ‘ - Meu filho, para que você faz isso, para que tu vais plantar? Hortêncio, tu trabalhando com ferimento, vai uma lata com água para aguar essa mangueira, tu também não vai chupar dessas mangas?’ ‘ - Não, mãe eu posso chupar’.

LM: São essas mangueiras que estão aí até hoje?

HM: Estão lá, estão lá... aí ela... eu disse: ‘ - Não mamãe se eu não chupar, meus sobrinhos, minha família’ ‘ - Essas mangas é de tio Hortêncio, foi ele que plantou’. Aí bem quando foi... aí eu plantava muito dessas rosas também; era bonito. Plantava milho, mas aquele milho secava, ficava lá, se perdia porque nem os porcos não ia lá, porque era tão longe. Eu não dava para eu comer todo o milho no fundo de quintal, assim nos terreiros e eu peguei uma bacia (**inaudível**) Pedi a mamãe para trazer, ela trouxe uma panela rachada e eu enchi de estrume, plantei um pé de cravo. Aí quando foi um dia, mamãe veio trazer o meu café, estava até no mês de maio, ela disse: ‘ - O Hortêncio tem um cacho de cravo tão bonito, eu vou te levar meu filho para botar nos pés de Nossa Senhora para ela lhe ajudar’. Aí ela levou e botou num jarrozinho botou no altar onde havia a novena. Uma

vizinha, uma mulher chegou e disse: ‘ - Moça, que cravos mais lindos, que coisa bonita! De onde foi?’ Aí mamãe disse assim: ‘ - Foi eu trouxe lá da casa de Hortêncio, lá numa catingueira tem uma panela que tem um de pé de cravo, a coisa mais linda do mundo. Aí tinha esse cacho, ele me deu, eu trouxe para botar em Nossa Senhora’. A mulher ficou calada não disse nada. Com um pedaço uma menina dessa mulher assim de uns 8 para 9 anos viu o cravo aí pegou, tirou e estava cheirando. A mulher deu uma tapa na mão: ‘ - Não cheira isso não, que isso foi da casa de Hortêncio’. Mamãe teve um desgosto, chega chorou. Aí ela pegou o cravo e botou... Nossa Senhora da Conceição ela é assim aí ela pegou e enfiou assim (**faz o movimento com as mãos**)

LM: Botou entre as mãos...

HM: Entre as mãos da santa.

LM: Cruzada...

HM: Cruzadas.

LM: Entrelaçadas da Nossa Senhora.

HM: Da Nossa Senhora, daquele bustozinho que ela tem, tinha lá que ainda está lá tem até uma corozinha deste tamanho toda de ouro, que essa santa ela é de família assim... minha avó morreu ficou para minha mãe que era a mais velha; minha mãe morreu ficou para minha irmã que era a mais velha, a mais velha era quem ficava.

Bem, aí esse cravo, mamãe deixou ela passou-se, passou-se aí estava aquele cravo que estava aber... fechado... aberto, perto tinha um botão e esse botão sem ter água sem nada não morreu, dentro daquele oratório, ele cresceu e florou, abriu o cravo. Quando a mamãe viu aquilo chegou lá me disse a mim e ficou espalhando disse: ‘ - Olha, vai haver um milagre na vida de Hortêncio porque o cravo que eu trouxe da casa dele, botei entre as mãos de Nossa Senhora tinha um cravo aberto e tinha um botão encostado e o cravo que estava aberto já secou e a agora o outro que estava encostado...’

LM: Se abriu...

HM: Está abrindo... está vivendo. Tudo isso foi coisas que mamãe falava para mim e eu ficava meditando: ‘ - É o que eu estou pensando mãe, eu não vou morrer não’. Porque eu acho que o quê aconteceu comigo era coisa que foi Deus que me deu aquela intuição que eu tinha... eu às vezes pensei que fui castigado porque como eu gostava de passarinho, eu era um menino muito ardiloso. Eu tinha uma baleeira, eu matava às vezes passarinho, matava rolinha para chegar para ela assar lá em casa... mamãe... papai era marchante, como eu já falei para a senhora, não faltava carne e tudo para que matar um animalzinho daquele para comer, não é? E eu judiava, na semana santa se mamãe soubesse, na quaresma como chama as sete semanas que antecedem a semana santa, se soubesse que eu matava um, era uma surra que eu levava. E eu às vezes passava pela casa do vizinho e ali tinha uma galinha que morreu de (**inaudível**). Era pequeno, 8 anos, 9 anos eu matava, mamãe chegava em casa, a vizinha viu: ‘ - Moça, o Hortêncio passou lá em casa e matou um pinto, deu uma pedra daquela baleeira...’ Mamãe...as baleeiras queimavam, dava fim e era uma surra medonha em mim.

LM: O senhor era da pá virada. (**risos**)

HM: Era, mas batia mesmo. Aí eu chorava e dizia: ‘ - Mamãe, você só bate em mim porque não gosta de mim porque eu sou preto’. Eu era o mais moreno dos irmãos. ‘ - É não seu safado, bato porque você é ruim, você matou o pinto dessa mulher e você passa por uma casa, está fechada você atira pedra para quebrar as telhas, a gente está sabendo por isso você apanha todo dia e não se nega’. Porque no outro tempo as mães criavam os filhos...

LM: De uma maneira bem diferente.

HM: Bem diferente.

LM: De hoje em dia. Verdade.

HM: E respeitava a ela e respeitava a todo mundo. Aí, bem, quando a gente saía mamãe dizia: ‘ - Olha, quando é 10 e meia, 11 horas é para estar todo mundo casa’. Porque se ela fosse botar comida, aquele que faltava, ela não deixava comer.

LM: Ficava sem almoçar.

HM: Ficava sem almoçar.

LM: Era uma pessoa rigorosa, não é?

HM: Era. Aí se eu fosse, que se eu chegasse em casa: ‘ - Não, mãe eu não vim porque eu comi na casa de tia... de titia’. Era uma irmã de papai que queria um bem a mim que era medonho. Aí eu almoçava na casa dela, quando chegava, eu digo: ‘ - Ah, não vou lá em casa não, que eu já almocei’. Quando eu chegava mamãe: ‘ - Cadê, você não veio para o almoço, Hortêncio, não tem almoço para você não’. ‘ - Mamãe, eu almocei na casa da titia’. Ela disse: ‘ - Eu já avisei a Anunciata que eu não quero, que aqui tem comer. Pra quê estar dando para você? Seu safado você está comendo na casa dos outros, venha cá’. Pegava eu, dava uma surra.

LM: (risos)

HM: Titia ficava com raiva. Hoje...

LM: Seu Hortêncio me diz uma coisa, voltando aí um pouco nessa história de assim que o senhor chegou aqui, não é? O senhor chegou aqui em [19]49?

HM: Em [19]49.

LM: [19]49. Então já era o momento...

HM: Comigo fez 120 pacientes.

LM: É, pois é, eu queria que o senhor falasse qual foi o impacto dessa chegada. O senhor já disse que foi bom, na medida que o senhor conviveu com outras pessoas, visto que lá o senhor estava isolado.

HM: Foi, porque...

LM: Como que foi essa chegada, existiam muitas pessoas...

HM: Existia.

LM: ... Eram muitos homens, muitas mulheres...

HM: Muitas moças.

LM:... Tinha muitos médicos?

HM: Não, só tinha um médico.

LM: Isso que eu quero que senhor diga, tinha enfermeiro?

HM: Só tinha... tinha uma enfermeira.

LM: Como que era o tratamento? Como que era o tratamento, os remédios que usavam, o que... Como era a vida lá dentro?

HM: Olha, o medicamento, ainda não tinha chegado a Dasona, a gente tomava uma injeção de Lebrina.

LM: Antilebrina?

HM: Era um óleo, era um paliativo depois logo, logo chegou...

LM: Deve ser derivado da chaulmoogra, não é?

HM: É, chaulmoogra pronto. Ai depois chegou a Dasona, quando eu bati na Dasona foi uma reação.

LM: Dasona ou Dapsona?

HM: Dasona, tinha... dasona é mesmo da família de dapsona, tinha o Diaminoxil, tinha o Promim, tinha sulfalack.

LM: Sulfalack e Promim era injetável, mas tudo de um derivado só.

HM: E eu quando cheguei e foi uma surpresa tão agradável assim e desagradável para o que eu pensei. Eu tinha uns passarinhos que eles voavam, iam se embora e voltavam aí naquele dia que eu saí fechei a porta, os bichinhos chegaram e não encontram o apoio de estar ali dentro. E quando eu cheguei aqui os pacientes criavam o passarinho em gaiola mas os meus eram soltos.

LM: Sei.

HM: E eu tinha uma sabiá que eu estava no mato caçando outros pássaros quando ela estava voando, quando eu vi ela vinha para sentar em mim. Uma vez ela veio para sentar

em mim assim, eu dei uma tapa porque eu pensei que era um gavião que ia me beliscar. Ela caiu batendo, ficou mofinazinha, ficou cismada de mim e quando eu contei a mamãe, mamãe começou a chorar: ‘ - Meu filho, olha você é um santo... você é de São Francisco de Assim...’”

LM: (risos)

HM: Aí a primeira carta que eu recebi lá de casa, eu chorei aqui porque tive a decepção, minha prima escreveu pra mim aí disse: ‘ - Hortêncio, aquela tua sabiá saiu na casa de Joaquim Daniel, entrou dentro de casa, ele disse: ‘ - É a sabiá de Hortêncio’. Eles sabiam que eu tinha uma sabiá que ia para o mato e voltava; aí tangeram, botaram ela fora a bichinha atrás de comer (**inaudível**) sentou-se numa cerca de quintal que tinha lá, ele foi lá dentro pegou a espingarda foi “Pá”.

LM: E matou a sabiá!? Hum!

HM: Nesse dia ele matou a sabiá. Aí disse: ‘ - Aquela tua sabiá, mataram’. Com medo que a sabiá levasse lepra para dentro de casa para você vê como era...

LM: Como era o estigma, não é?

HM: É muita... foi muito... aí eu cheguei aqui..... agora, quando eu cheguei, também no mesmo mês de janeiro... aí depois tive uma reação, aí fui logo trabalhar botaram assim. Eu ia tomar conta de um lugar que chamava almoxarifado, eu ia para lá de manhã, abria a porta, o paciente ia lá buscar enxada, esse carro de mão...

LM: Porque eram os pacientes próprios que cuidavam da Colônia, não é?

HM: Era.

LM: Normalmente.

HM: Isso aqui, isso aqui...

LM: Quem limpava eram vocês...

HM: Era. Ninguém sabia... fazia nada aqui dentro.

LM: Eram vocês que faziam.

HM: Só era a gente...

LM: O senhor tomava conta do almoxarifado?

HM: Era, para entregar material e exigir que chegasse limpinho. Depois comecei a trabalhar ajudando a um enfermeiro, olhando ele fazer as coisas aí ele pegava num caixa, pegava...

LM: Quantos enfermeiros tinham, seu Hortêncio?

HM: Só tinha um... um casal.

LM: Um casal de enfermeiros.

HM: Um casal de enfermeiros que sabiam e que ficavam orientando a gente.

LM: Isso.

HM: A gente era quem fazia os curativos da gente, eles ensinavam: ‘ - Faça assim, faça assado’.

LM: Sei.

HM: ‘ – Cuidado, pega a seringa, é assim, cuidado para não deixar uma bolha’. Aí todos nós aprendemos e eu doido para aprender a ler inventei de ir, falei com um colega que sabia ler, ele me ensinou aí eu lia direto, só vivia lendo eu já estava bem alfabetizado aí no instante desenvolvi a leitura.

LM: Que bom!

HM: E gostava muito de ler.

LM:.E tinha vida social aqui dentro, seu Hortêncio?

HM: A vida social nós ficávamos sonhando para saber quem é que estava aniversariando porque tinha um conjunto de pessoas que era..... era o sargento, que era da polícia que teve esse problema, veio para aqui tocava trombone, outro tocava violão, tinha um cavaquinho.

LM: Ah, então vocês fizeram uma banda entre as pessoas?

HM: Tinha uma bandinha, tinha. É pena que deram fim, nós tínhamos muito quadro como esse meu aqui de carnaval que foi feito por nós.

LM: Ah, que pena! Hum, hum.

HM: Aí a gente brincava carnaval. Tinha o delegado, tinha o prefeito eu trabalhei como secretário, trabalhei como carcereiro com a continuação dos tempos, não é? Eu fazia tudo. Aí comecei até que em [19]57 assumi a farmácia o Antônio Batista foi embora e quem assumiu a farmácia fui eu.

LM: Quem era Antônio Batista?

HM: O marido de Isabel dessa que não estava presente. Ele saiu de alta e eu fiquei na vaga dele trabalhando como enfermeiro. Quando foi em [19]59, eu precisei de tirar reservista, aí falei com Dr. Cartaxo. Ele me deu um atestado e eu fui como funcionário, deixe que no atestado o Dr. Cartaxo botou a minha profissão que era enfermeiro aí bem. Quando o bicho, o cara lá, o sargento, sei lá que diabo é, olhou aí disse assim: ‘ - Qual é a sua profissão?’ Quando eu ia dizendo: ‘ - Serviço braçal’, que meu pai era... aí ele disse: ‘ - Ah, não, não, aqui tem’.



LM: ‘ - Enfermeiro ...’

HM: ‘ - É Enfermeiro’. Aí botaram na minha carteira de reservista tem auxiliar de... não, enfermeiro mesmo, não botaram nem auxiliar.

LM: Nem auxiliar de enfermagem, é enfermeiro.

HM: É. Aí pronto depois que eu saí daqui em [19]81, eu passei esse tempo todinho trabalhando de [19]57 até [19]81...

LM: Na enfermaria?

HM: Na enfermaria, apareceu essa...

LM: Fazendo...

HM: Curativo e aplicando injeção...

LM: Curativos, aplicando injeções...

HM: Verificando pressão... Aplicar injeção até na boca da pessoa, para o dentista mesmo não ter muito contato com a baba da pessoa, viu doutora? Aí veio uma moça de uma cidadezinha... para cá de Campina Grande, ela se internou aqui e eu perguntei se ela não queria trabalhar como enfermeira, ela disse que tinha medo de aplicar injeção, eu disse: ‘ - Não, você aplica em mim, não sei o quê...’. De jeito que assim que ela entrasse na farmácia que era para gente ver se havia um controle e a gente namorar porque as outras moças já tinham se casado todinhas.

LM: (risos)

HM: E se tivesse o casamento, só eu que estava sobrando.

LM: É mesmo? Entre o pessoal daqui de dentro mesmo?

HM: Sim, havia namoro e depois casamento, não é?

LM: As pessoas se casavam e continuavam aqui?

HM: Era, continuam aí bem, ela aceitou, ficou trabalhando ali comigo.

LM: Como era o nome dessa moça?

HM: Era a minha ex... ex-mulher não, porque ela é... a gente ainda vi..... só estamos separados, eu já um velho não preciso estar atrás de mulher, aí eu vim para aqui.

LM: Como é o nome dela?

HM: Severina Maria dos Santos.

LM: Severina Maria dos Santos.

HM: Ela hoje trabalha no Clementino<sup>2</sup>. Aí bem, nós começamos a... eu ensinando, ela aprendeu porque só era eu, homem (**inaudível**) injeção de benzetacil, injeção que às vezes precisa aplicar na nádega, aí já tinha senhora que se acanhava de que eu era homem e tudo, mas até junto com uma enfermeira... a enfermeira sabia e vinha fazer o parto de uma paciente aqui e eu assistia, eu mesmo cheguei a assistir parto. Bem, aí ficamos trabalhando depois aí surgiu a história do namoro, não é? Aí um dia eu pedi ao Dr. [Humberto] Cartaxo, eu disse: Dr. [Humberto] Cartaxo, eu gostaria...

LM: Esse Dr. Humberto Cartaxo, ele ficou esses anos todos aqui na Colônia, trabalhando aqui?

HM: Ficou, espera aí eu sei a data até que ele saiu. Bem, aí eu fiquei gostando dela, aí quando foi um dia eu pedi: ‘ - Dr. Cartaxo eu quero pedir Severina em casamento, quero me casar com ela’. Aí ele disse: ‘ - Olha, Hortêncio, eu fiz todos os casamentos aqui e tinha o maior prazer de fazer o seu, mas o seu eu não vou fazer não, porque essa moça que você está gostando ela é de menor’. Ela tinha 16 anos.

LM: Olha!

HM: Eu não vou me meter com gente menor idade, nem negócio....

LM: Isso foi em que ano seu...

HM: Em [19]64.

LM: 1964?

HM: 1964. Aí ele disse: ‘ - Agora, se você esperar o dia que o pai dela vir visitá-la e você pede a ele...’

LM: Pede a mão da moça, não é?

HM: ‘ - Em casamento e se ele der você avisa para mim aí a gente faz o casamento’.

LM: Mas ela era interna também?

HM: Também, ela era doente.

LM: Também era interna, doente.

HM: É, doente. Aí quando o seu Augusto veio aqui, o pai dela, eu chamei ele, ela entrou no quarto eles estavam lá dentro do pavilhão, eu fui para lá, eu disse: ‘ - Boa tarde!’ Ele: ‘ - Boa tarde!’ ‘ - O senhor é seu Augusto, o pai da Severina?’ Ele disse: ‘ - Sou’. Eu disse: ‘ - O que me trouxe aqui foi pedir sua filha em casamento, estou gostando dela e queria saber se o senhor... porque eu já falei até com o diretor ele disse que como ela é menor não dava para fazer meu casamento não’. Ele disse: ‘ - Então diga a ele que pode

---

<sup>2</sup> O depoente se refere ao Hospital localizado em João Pessoa que faz o atendimento rotineiro para os moradores do Hospital Getúlio Vargas.

fazer e é meu prazer que minha filha se case com uma pessoa daqui de dentro porque quando ela receber alta e sair lá para fora, depois ela vai se casa lá fora, aí aparece o problema tem que voltar para aqui aí fica o desmantelado lá'. Aí ele achou que... gostou demais da menina ter arranjado esse casamento. Logo, eu era tido como uma pessoa de família, a família lá no sertão era um família reconhecida.

LM: Certo.

HM: A minha avó era irmã do padre Sá, e tinha o pai da [Luiza] Erundina que era (sic) pessoas também muito falada e conhecida, era daquela família que o pessoal gostaria até de se envolver com ela, não é? Graças a Deus foi assim a trajetória da minha vida.

LM: Então o senhor se casou em 1964?

HM: [19]64.

LM: O senhor teve filho seu...

HM: 4.

LM: 4 filhos?

HM: Tem um que... olha aí ( **o depoente nesse momento mostra a foto**).

LM: A foto.

HM: Essa de cá é minha filha só que está...

LM: Quantos filhos o senhor têm? 4, não é?

HM: Quatro, mas morreu um com 13 dias de nascido, numa pancada de uma porta do... lá no Educandário, aquele Educandário ali embaixo, Educandário Eunice Weaver era aonde botava os filhos dos doentes.

LM: Pois é, isso que eu quero que o senhor me conte. O senhor se casou em [19]64? Quando foi que o senhor foi pai pela primeira vez?

HM: Em [19]67.

LM: Pois é, foi um menino ou uma menina?

HM: Foi um menino.

LM: Um menino. Assim que ele nasceu ele já foi para o preventório?

HM: Parece que até o umbigo foi cortado lá, que o carro estava já acelerado, na hora que o menino nascia a mulher enrolava e... a mãe não via, nem o pai depois de três meses é que a gente avistava ele. Com um ano...

LM: Fala para mim como que foi essa experiência assim seu Hortêncio.....

HM: Como assim?

LM: De ter um filho e não cuidar do filho e não ver o filho e saber que ele está no preventório...

HM: Olha, a mãe e o pai que tem um... que casa quando aparece a mulher grávida, o desejo é que aquele que chegar para pegar, ter o maior contato. Isso foi muito doloroso para gente, doloroso até demais, mas como eu, graças a Deus...

LM: Assim que ele nasceu, ele foi levado?

HM: Retirado. E eu só avistei ele depois de três meses, como daqui no portão ou mais longe.

LM: Uma distância de uns dois metros.

HM: Sim, de uns dois.... mais de dois metros.

LM: O senhor não podia nem pegar o filho no colo.

HM: Não, nada, nada.

LM: A sua esposa não pôde amamentar o seu filho?

HM: Não, de jeito nenhum. E ela que era mulher que deu muito...

LM: Em 1967 isso?

HM: Sim.

LM: Impressionante.

HM: Aí depois com três anos ela pegou...

LM: O senhor sabia em [19]67 o isolamento nem era mais obrigatório, não se tinha mais...

HM: Era. É tanto que um quando...

LM: Teoricamente não se deveria ter. No entanto...

HM: Entretanto, quando nasceu a terceira, a Dra. [Francisca] Estrela [Maroja], a Dra. [Francisca] Estrela [Maroja] já estava aqui, que nasceu em [19]74, aí Dra. Estrela disse: ‘ - Severina, cadê a menina?’ Ela disse: ‘ - Levaram’. ‘ - Mas por que você não ficou com a tua filha aqui, mulher?’ ‘ - Não, era para levar? Disse que era para levar’ Ela disse: ‘ - Não, você podia ter ficado com ela, eu não ia mandar você retirar sua menina não’. Aí a Severina: ‘ - Então eu mando buscar’. Ela disse ‘ - Não agora já botou lá não manda buscar não’. Aí passou-se uns tempos eu vi que os meninos estava definhando, magro, um menino com um ano e seis meses e a menina com pouco tempo de nascido, tudo magrinho aí eu...

LM: O senhor ia visitar e via que eles estavam magrinhos.

HM: De longe eu avistava estava... era, diziam que tinha comida tinha tudo. Aí eu escrevi para minha família, naquele tempo não tinha negócio de telefone e tudo aí eu escrevi para Perpétua, minha irmã, para minha mãe, mandando pedir a eles se quisessem tomar conta de meus filhos viesse que eu arranjava para eles criar. A carta chegou lá não veio nem resposta, eles que vieram chegaram aqui... aí eu fui pedir uma licença fui para João Pessoa para casa da diretora do Educandário para pedir para levar meus filhos para ser criado no sertão e ela deu consentimento.

LM: Pelas pessoas da sua família.

HM: Sim, pelas pessoas, por uma cunhada e uma irmã.

LM: Certo.

HM: Aí bem, quando eu cheguei no Educandário com a ordem, a moça não gostou, não queria; disse que era apegada demais com a criança, aí o menino chamava ela de 'mãinha' e tudo, mas o bichinho tão raquítico, não tinha... é tanto que quando chegaram no sertão ele saiu chorando o bichinho, um já estava maiorzinho o menino mais foram-se embora para o sertão. Minha família criou, meu cunhado comprou uma jumenta, comprou cabra feita para dar leite ao menino, eu sei que hoje está... **(tosse)**

LM: Está todo mundo forte. Seu Hortêncio me diga uma coisa, como que era o relacionamento assim dos médicos, o senhor me falou desse Humberto Cartaxo; ele ficou muitos anos aqui na Colônia, não é?

HM: Ficou.

LM: O senhor chegou já era ele...

HM: Era.

LM: Então como que era assim o tratamento, porque depois teve o tratamento quimioterápico.

HM: Ele dava... é.

LM: Então fala para gente um pouco dessa relação do médico com o paciente, como que era isso?

HM: Doutora, ele tinha muito medo, ele fazia muita sombra; esse médico foi triste a chegada dele aqui, ou melhor, ele saiu daqui e não deu..... nem assim licença para nós, ele não queria dar; se a gente passasse o dia, chegava, ia preso ele era de ter muito medo.

LM: Se passasse do dia, chegasse ia preso? Não entendi.

HM: Ele vinha para aqui, vinha com aquele defensor, tapar... entrava dali do parlatório onde tem o...

LM: Defensor que o senhor está chamando era aquela máscara que se usa quando se está gripado, não é?

HM: É. Ele vinha com aquilo e chegava, fazia a consulta... para consultar...

LM: Para consultar vocês.

HM: Para consultar nós, eu ficava em pé porque eu era enfermeiro.

LM: Isso, o senhor ficava acompanhando ele.

HM: Acompanhando, quando ele ia para uma casa que tinha uma pessoa com ...

LM: Ele vinha todos os dias?

HM: Não.

LM: Não.

HM: Segunda, quarta e sexta.

LM: Certo.

HM: E quando havia uma necessidade, eu mandava o motorista avisar; o motorista ia buscar ele quando ele chegava ainda reclamava comigo: ‘ - Hortêncio você medicou a pessoa...’ Porque aí ele deixava aquele remédio de urgência, aí as vezes eu aplicava o paciente queria era a presença do médico, eu mandava: ‘ - Mas você já medicou, não precisava eu ter vindo...’ Mas ficou... surgiu tanta da cena assim de tristeza. No fim do ano quando se forma aquelas pessoas que estão recebendo o grau que se formou, não é?

LM: Isso.

HM: Ele trazia para ver aqui e tudo o mais. Um dia nós fomos para oficina lá onde eu trabalhava, doutora... e ele chegou lá, o rapaz passou no pé de goiaba cada uma goiaba amarela para comer, o cara pegou a goiaba e saiu comendo... quando o Dr. olhou assim: ‘ - Você é doido você está comendo, quer contaminar, você quer levar lepra para você, rapaz?’”

LM: O próprio médico falando isso?

HM: O próprio Dr. [Humberto] Cartaxo disse isso. Um dia ia eu, ele e dona Alice, dona Alice era uma enfermeira sabida; ele no meio, eu de um lado e ela de outro. Em dados momentos, a caneta dele, até uma 51, caiu ficou no chão ele disse: ‘ - Apanha para você Hortêncio’. Não quis, bem que estava naquela areia.

LM: Nossa senhora!

HM: Para você ver como era o medo.

LM: O medo enorme de contrair a doença.

HM: A senhora já esteve na administração, não foi?

LM: Já.

HM: A senhora viu um tanque?

LM: Vi.

HM: Aquele tanque foi feito por doente, essa casa foi feita por doente que esteve aqui e eles estavam construindo aquela casa e tinha direito de sair até ali naquele lugar onde estava fazendo aquele tanque que era para criar peixe. Que criaram, bem umas duas vezes pescaram aquela tilápia, que é um peixe chamado Tilápia.

LM: Tilápia.

HM: Tilápia, não é?

LM: Tilápia, é.

HM: É, aí o prefeito, seu Frederico.

LM: Frederico do quê o senhor lembra?

HM: Frederico Moacir Câmara, ele era italiano, se falava muito dele... todo mundo gostava dele; pronto ele foi...

LM: Prefeito daqui?

HM: Sim.

LM: Esse senhor é um paciente, foi paciente daqui.

HM: Era paciente.

LM: A [Francisca] Dra. Estrela hoje falou dele na entrevista.

HM: É, pois é, ele era muito...

LM: Que ele fez uma operação de catarata...

HM: Foi.

LM: Uma cirurgia de catarata e voltou a enxergar.

HM: É, aí quando foi um dia, estava terminando o tanque, seu Frederico era o prefeito tinha paciente lá trabalhando mas era autorizado a ir. Ele saiu, ficou com o bracinho cruzado, naquele tanguê olhando o Dr. [Humberto] Cartaxo chegou no carro, ele disse: ‘ - Frederico, você é o prefeito, mas para mandar de lá daquele portão para trás, aqui você

não pode vir não, para você vir os outros pacientes tem que vir porque você é prefeito você quer... agora tem dois aqui trabalhando porque os exames deles foi feito rigorosamente e eles estão bem e esses estão com ordem de estar aqui, mas você não tem essa ordem não. Volte e vai para lá'. Frederico saiu quase chorando de desgosto e vergonha e nós ficávamos no murinho, assim olhando lá os caras trabalhando numa distância igual daqui na casa de meu sobrinho'. Era assim que a gente foi tratado aqui nesse problema.

LM: Sei.

HM: A senhora estava lá naquele dia no Rio de Janeiro quando a menina apresentou aquele filme sobre a doença<sup>3</sup>?

LM: Sim, eu estava.

HM: Aquele filme foi cópia fiel do que passou aqui...

LM: Aquele filme "Os melhores anos das nossas vidas", não é? Que aquela moça apresentou, eu vi.

HM: Menina eu vou dizer, aquilo me recordou tudo, tudo o que aconteceu com a gente.

LM: Embora o filme se passe no interior de São Paulo, é do asilo de São Paulo mas a história se repete.

HM: É, a história se repete porque era.....bem, aí quando foi em... aqui teve um paciente do Ceará e depois voltou. Aí sabia que eu era enfermeiro e trabalhava muito bem, um dia ele escreveu para mim, disse: ' - Hortêncio, pede a tua transferência e vem se embora para o Ceará que tu aqui ganhas mais e tu tens liberdade, compara uma bicicleta, vai todo dia para Maracanaú, vai olhar a chegada do trem e anda para Fortaleza, para todo campo. Aí eu fui, já tinha uma pessoa trabalhando nesse tempo ainda estava solteiro aí eu pedi: ' - Dr. Cartaxo eu quero a minha transferência para o Ceará, tem uma pessoa aí ajudando a mim, fica no o meu lugar' ' - Está certo'. Aí deu. ' - Por que você quer ir para o Ceará?' ' - Porque diz que lá o salário é melhor de que o daqui, nós tínhamos ido lá para o ceará tem mais liberdade, aí eu fui. Isso eu fui em [19]61 cheguei lá fiquei trabalhando.

LM: O senhor foi para colônia do Ceará?

HM: Do Ceará, Antônio Justa.

LM: Antônio Justa?

HM: Sim. Quando eu cheguei... quando foi em [19]63, em fins de [19]63 o doutor Cartaxo sai daqui entra o doutor José Ataíde de Brito. E deu aquela liberdade que estava sendo negado para gente, a liberdade já estava.... dinheiro legal a gente já podia ter dinheiro na mão e tudo mais. Aí ele foi... Silvinha aquela que está ali hoje...

---

<sup>3</sup> O depoente se refere ao evento XI Encontro Nacional do MORHAN, ocorrido no Hotel Guanabara, Rio de Janeiro, em junho de 2003, e onde foi exibido o documentário de Andrea Pasquini chamado "Os melhores anos de nossas vidas", sobre a vida dos pacientes da Colônia Santo Ângelo, em São Paulo.



LM: Sei.

HM: Ela escreveu para mim, a gente sempre se comunicava ela disse: ‘ - Hortêncio, se tu quiseres voltar para aqui, aqui agora tem liberdade você vai para a Paraíba a hora que quiser, não precisa de pedir licença’. Aí eu “pá”, pedi ao doutor a transferência pra eu voltar.

LM: Para cá para Paraíba.

HM: Que já havia três anos que eu estava lá, eu tinha indo em [19]61...

LM: O senhor ficou três anos, não é?

HM: Eu fiquei três anos lá.

LM: Então assim que o senhor voltou o senhor casou, não é?

HM: Em [19]64.

LM: É.

HM: No mesmo ano quase. Eu casei em julho de [19]64. Aí quando foi... eu vinha... eu pedi mais transferência pra voltar para a Paraíba. Aí Dr. Odorico Morais disse: ‘ - Hortêncio, não está mais se internando nem se dando licença para paciente não, você quer saber? Que você tem um pouco de sequela, mas eu não dou transferência para outra Colônia não, nem que seja no seu estado. Agora, se quiser ir se embora daqui do Ceará eu dou a sua alta, você vai para sua terra lá talvez o médico lá lhe interne. Foi o que aconteceu eu saí de alta.

LM: O senhor saiu de alta lá da colônia do Ceará?

HM: Do Antônio Justa, eu saí, não é?

LM: Certo.

## **Fita 2 – Lado A**

LM: Fita número dois.

HM: Quando eu cheguei, eu recebi minha alta lá, eu vim direto para aqui. Cheguei foi uma alegria do pessoal que eu cheguei hoje, amanhã já fui..... voltei para farmácia, gostaram muito do meu trabalho porque nunca, graças a Deus, nunca médico reclamou que eu deixei de fazer determinado serviço. Aí bem, passou-se, passou-se quando foi um dia, esse dito amigo que ligou, que tinha me convidado para ir para lá, ligou para mim, já tinha telefone aí na Colônia aí, ligou para mim perguntando se eu tinha saído de transferência do Ceará ou tinha sido de alta.

LM: Sim.

HM: Eu disse: ‘ – Não, eu saí...’

LM: Foi de alta.

HM: De alta. Ele disse: ‘ - Pois Hortêncio você tire uma fotocópia da sua identidade e mande para aqui para mim que eu vou ajeitar seus documentos para você se aposentar porque você saiu de alta e aqui a pessoa que está saindo de alta...’

LM: Tem direito à aposentadoria pelo INSS.

HM: Tem direito à aposentadoria, pelo Estado. Aí me deu... eu mandei a minha identidade, ele preparou os meus documentos. Até hoje eu recebo o salário do Ceará sem nunca ter ido nem lá os problemas...

LM: Não, o senhor foi lá, o senhor ficou uma época lá...

HM: Não, eu digo assim eu fui lá, eu digo assim agora...

LM: O senhor nunca foi empregado de lá, não é?

HM: Não, eu passei..... durante o tempo que eu estive lá passei três anos como enfermeiro lá.

LM: Ah, o senhor foi enfermeiro lá na Colônia?

HM: Fui, fui enfermeiro lá na Colônia. Eu quero dizer assim que depois que eu ajeitei minha aposentadoria, não precisou de eu ir lá.

LM: Certo, claro, claro.

HM: Aí quando é no dia primeiro que é o salário de lá, no dia primeiro botam na minha conta aquele salário de lá que, por sinal, é maior que o salário da Paraíba.

LM: Da Paraíba é porque os Estados têm essa diferenciação.

HM: O salário de lá é R\$ 280,00 o de lá do Ceará.

LM: Ótimo.

HM: 280 e eu recebo isso...

LM: Que bom que isso dá uma certa autonomia, não é seu Hortêncio?

HM: É, pois é.

LM: Agora me diz uma coisa seu Hortêncio, vamos voltar um pouquinho aí na história. O senhor disse que chegou aqui no final da década de [19]40 com feridas e tudo o mais, como que foi esse processo assim das sequelas que o senhor apresentava? Foi um processo longo, foi rápido, o senhor acha que a medicação que o senhor começou a ingerir, a medicação química, ela freou isso de alguma maneira?

HM: Freou. Freou, freou a ponto de eu era tão piorado, quer dizer que foi sete anos para voltar a ter uma licença porque a senhora só tinha licença quando tivesse 12 exames negativos.

LM: Exatamente. Eram umas comissões de alta, não é isso?

HM: É.

LM: O senhor tinha que fazer 12 exames e eles darem negativos. Exatamente.

HM: Agora sobre o...

LM: O senhor ainda passou por alguma comissão de alta?

HM: Passei.

LM: Passou?

HM: Passei, depois fui convidado pelo diretor e eu sabia que eu já tinha ido lá no sertão. Minha vida lá no sertão ia ser agricultura, eu não ia ter oportunidade de trabalhar no serviço maneiro, eu digo eu vou ficar por aqui mesmo e houve essa oportunidade de alta. Aí não fui, não voltei para o sertão, agora só que como a senhora frisou aí, se eu tive uma recuperação foi rápida; os seis meses eu fiquei de cama que chegou até a levar vela, mas durante aqueles seis meses aquelas sequelas de ferida foram-se secando, enxugando e sarando quando eu me levantei que andei eu estava...

LM: Bom.

HM: Bom, não tinha mais ferida nos pés, as maminhas era perfeita.

LM: Certo.

HM: Olha, eu aqui eu fui barbeiro, eu trabalhava, eu cortava cabelo de senhoras e de rapaz, chegava no sertão cortava cabelo de minhas sobrinhas, cabelo da moda que eu ia para o salão para uma pessoa cortar o meu que eu cortava sempre assim. Naquele tempo o pessoal usava cabelo grande de Roberto Carlos aí meu cabelo era bem bonito, liso e bem pretinho. E eu aprendi os cortes, eles cortando eu tinha aquela vocação de aprender as coisas e aprendi. Fui barbeiro, fui enfermeiro e também trabalhei na copa como...

LM: Cozinheiro?

HM: Não, na copa eu trabalhava como garçom.

LM: Como garçom, exato.

HM: Para despachar comida para o pessoal que ia para o refeitório.

LM: E quantas pessoas... o senhor disse que chegou aqui tinha em média 120 pessoas.

HM: Não, comigo completou 120.

LM: Pois é, com o senhor completou 120.

HM: Mas depois aumentava.

LM: Isso.

HM: E, agora (risos). Agora veja você quando o aumento chegava, era uma festa pra nós, alegre porque aumentava...

LM: (risos) Eu imagino.

HM: E eu dizia: ‘ - Olha, você estava lá rapaz sofrendo, sem tomar remédio agora chegou num lugar onde daqui há uns três ou quatro anos, ou dois anos...’ Esse tempo todinho! Ainda ficava aperreado.

LM: É.

HM: Aí eu conversava com eles e contava a situação... e quando era uma moça aí que a gente ficava feliz. **(risos)** Porque era mais uma para gente dançar.

LM: Para dançar. Por que? Tinha bailes, então?

HM: Tinha baile, tinha o Porvir...

LM: Tinha cinema, tinha clube, como é que era isso?

HM: Tinha o Porvir, tinha a biblioteca.

LM: Tinha o quê?

HM: A biblioteca e nós tínhamos um jornal que tinha o nome de Porvir.

LM: Porvir?

HM: Porvir.

LM: Ah, um jornal que vocês que faziam!?

HM: Um jornal, nós tínhamos a cópia desse jornal, mas a administração não ligou a que passou-se, era para gente ter pelo menos dois ou três... ou quatro desses jornais para mostrar hoje...

LM: Exatamente.

HM: Porque nessa casa morou uma pessoa que tinha o dom de jornalista, ele fazia reportagem, ele falava...

LM: Todo mundo interno?

HM: É, tudo interno, tudo interno era cada jornal bacanazinho que às vezes o Dr. [Humberto] Cartaxo trazia até o jornalista de lá.

LM: Certo.

HM: E a pessoa ficava lendo e ele passando para o jornal, a notícia que saiu na Colônia dos pacientes foi isso, isso, isso...

LM: E esse jornal ele dava também notícias exteriores assim do...

HM: Quando a gente... sabia pelo rádio...

LM: Pois é, vocês tinham rádio?

HM: Nós tínhamos rádio...

LM: Então, vocês viviam em contato com o mundo de fora, não é isso?

HM: É, nós tínhamos rádio, a gente falava sobre o assunto, às vezes até via uma novela, que as novelas eram através de rádio; não era televisionado.

LM: Isso.

HM: E a gente...

LM: Vocês se reuniam para ouvir as novelas?

HM: Se reunia para fazer os debates...

LM: Depois da novela?

HM: É.

LM: Ah!

HM: Aí esse rapaz começou a me ensinar, depois a gente falando com a diretoria e ele foi nos ensinar a fazer na biblioteca a escolazinha; aí a Silvinha, a Isabel, eu, aqueles que tinham vontade de aprender. Ele era muito inteligente, ele nos ensinou graças a Deus vinha livro da Secretaria de Saúde, nós tínhamos... o livro era ciências sociais, era outros títulos. E, só que a gente não fazia prova, para fazer estava dentro do primeiro ano, quando terminava botava para ler; entrava no segundo ano e quando foi naquelas primeiras altas que eu ia até sair nela e não saí, veio o governador que era o José Américo de Almeida.

LM: Sim.

HM: Veio dar alta, entregar em mãos o envelope com a alta da pessoa.

LM: Isso foi que ano, o senhor lembra?

HM: Não, foi [19]54, foi em [19]54, foi em [19]54, que em [19]57 era para eu ter saído foi na primeira alta 14 pessoas que saíram de uma vez.

LM: 14 pessoas tiveram alta?

HM: Sim, receberam.

LM: Passaram por essas comissões de alta?

HM: É.

LM: Tiveram 12 exames negativos.

HM: É. Aí lá na escola tinha uns alunos que quando veio para aqui já sabia ler. Eu não; cheguei, aprendi aqui dentro, mas eu estudava muito, gostava de estudar e quando na presença do governador, o professor fez um discurso para um dos alunos representar a nossa escola. E quando foi na hora a pessoa que sabia mais do que eu estava indicado para ser a pessoa que ia falar no meio do refeitório para o governador e a pessoa ficou nervoso, tremendo, disse que não tinha coragem de ir não, aí eu estava perto do professor: ‘ - Hortêncio você...’ Era letra de imprensa, batido nas máquinas. ‘ - Dá para você falar, você quer?’, eu disse: ‘ - Quero’. Aí eu peguei o papel e fiz o discurso recebi um aperto de mão do governador, ele botou a mão por cima de mim aí pronto, daí eu fiquei sempre com esse dom de falar.

LM: De falar, de oratória, não é?

HM: Pois é, é tanto que, olha, durante esse período de internamento, 53 anos aqui já passaram dez diretores e cada um são oito anos, são dez diretores. E cada um são oito anos, são 12, é não sei quanto eu sei que o Dr. [Humberto] Cartaxo foi muito tempo. Dez que eu alcancei, mas o primeiro diretor aqui foi Dr. Elcio de Almeida, não alcancei já (**inaudível**) Seis homens e cinco mulheres. Agora a última é Dra. Elizabeth [Soares de Oliveira]<sup>4</sup> que está sendo a...

LM: O senhor acha que as mulheres são melhores diretoras do que os homens, os homens são melhores do que as mulheres?

HM: Pelo menos com... é porque a mulher é uma criatura assim, ela se toca mais que é parte do amor...

LM: Ela é mais sensível, não é? Uma pessoa mais solidária...

HM: Elas têm mais cuidado de refeitório, alimentação como é que está saindo... o homem liga pouco, tem deles que ainda ligam um pouquinho mais, mas a mulher liga mais como assim a Dra. Elizabeth ela está com um cuidado, super cuidado conosco, não é?

LM: Certo. Seu Hortêncio eu queria que o senhor falasse um pouquinho para gente o seguinte sobre a experiência de...o senhor falou assim: ‘ - Ah, eu estou a 53 anos aqui dentro’, mas na verdade há muitos anos não se interna mais, não é? Como que o senhor

---

<sup>4</sup> O depoente se refere à atual administradora do Hospital Getúlio Vargas, a assistente social Elizabete Soares de Oliveira.

começou a perceber isso que estava parando de chegar gente nova, que as pessoas estavam tendo alta?

HM: Não! Nós estava...

LM: Como que foi essa percepção? Digo quando também, como e quando?

HM: Olha, nós soubemos isso foi em 1982 quando veio a lei do governador da república, o presidente Juscelino Kubitscheck acabou com queria acabar com as Colônias e as pessoas...

LM: Não, em 82 não foi Juscelino Kubitscheck.

HM: Não, não foi não... mas quando houve o nosso movimento..

LM: Ah, tá.

HM: Porque aí veio a história de fechar, fechar as colônias; aí um grupo de pessoas se reuniu lá dentro do Hospital do Lauro Souza Lima e inventou o MORHAN.

LM: O MORHAN tá.

HM: Que era para quê? Vamos que não interne mais ninguém, nós estávamos sabendo disso, mas tirar de dentro da Colônia aquele que quisesse sair.

LM: Exatamente.

HM: Não ser obrigatório. Porque isso aqui foi uma propriedade comprada para nós. Nós voltamos... viemos para aqui como o pior criminoso do mundo... os criminosos a família vai visitar e fica lá, conversa com ele...

LM: O criminoso não tem o filho... quer dizer até tem, não é? O filho retirado.

HM: Pois é.

LM: Mas o estigma é muito maior...

HM: É muito ruim. Aí fizemos esse movimento; teve estado que não quis aceitar, fechou de uma vez mesmo como a colônia aquele Antônio... e algum paciente que tinha sequelas se valeu de Pernambuco e ficou para ali, mas nós ganhamos esse direito. Hoje você viu o grupo que tem ali, nós no mínimo somos 16 ou 18 pessoas aqui na Colônia, não entra mais, mas naquele encontro que houve agora no Rio de Janeiro foi criada uma lei, passou e parece que vai vigorar de que se eu inventei de.... quando eu saí em 81 daqui, fui para o Alto do Mateus, depois não foi que eu precisei voltar para aqui, foi a Colônia que precisou de mim, aí eu vim e preferi aquela casa que eu tinha morado, aí vim para aqui, para minha casinha que essa foi a minha casa, aonde quando eu me casei vim cá.

LM: Certo.

HM: Aí bem, eu fiquei aqui e a mulher ficou lá porque eu tinha uma perna mecânica, estava me cansando e hoje...

LM: O senhor teve que fazer uma... o senhor teve que amputar uma perna?

HM: É, tive.

LM: Sequela da doença?

HM: Sequela da doença porque o pé ficou... teve ferimentos, cicatrizou, mas ficou deformado porque saiu o osso.

LM: O senhor tem diabetes?

HM: Não. Aí saiu o osso, tive osteomielite e fizeram o tratamento lá em Bauru, mas depois que o pé cicatrizou, ficou bem direitinho. Aí o doutor descobriu que estava havendo uma grande assim, não havia circulação no pé, na perna.

LM: Aí podia gangrenar, não é?

HM: Era. Aí ele disse: ‘ - Olha Hortêncio, vou amputar sua perna do joelho para baixo, você vai receber uma perna que não vai lhe fazer falta, você não vai nem notar que não tem uma perna’. Tanto que, de fato, quando a prótese está boa, eu danço, eu faço tudo... lá no Rio de Janeiro eu dancei que só mais uma menina que eu visitei lá. E ele disse: (tosse) ‘ - Você tem necessidade de amputar, eu não’... Eu disse: ‘ - O senhor é quem sabe’, ele foi e amputamos. Pois bem, quando eu chego no Alto do Matheus, o salário pouco, aí eu inventei de passar jogo de bicho. Aqui na Paraíba tem jogo de bicho, eu que tinha costume de fazer isso, eu passava jogo do bicho, fui numa banca de jogo, deixei meus documentos, trouxe o talão para casa aí começava a passar o jogo de bicho.

LM: **(risos)** Aqui na Colônia seu Hortêncio?

HM: Não, lá no Alto. É tanto que a gente... havia tanta da brincadeira... que era Ave Maria as mulheres que vinham jogar: ‘ - O meu Deus eu peguei o dinheiro do coentro que o marido deixou e eu comprei... aí joguei e perdi’, eu digo: ‘ - Mas não é possível a senhora não pegou no bicho?’, ela disse: ‘ - Já faz dia que eu não pego no bicho’ **(risos)** Aquela brincadeira, não sabe?

LM: É, brincadeira, não é?

HM: Aí, bem eu jogava, passava o jogo quando era duas e meia, eu ia lá na banca encerrar, porque era para ser encerrado duas e meia porque três hora, corria o bicho e se eu tivesse apurado 150, eu tinha 30 reais, 30 conto. Aí estava dando para eu comprar o pão, para comprar alguma verdura alguma coisa porque todo dia eu apurava dinheiro. Quando foi um dia eu achei que na casa de uma pessoa que tinha uma mercearia, ia ser melhor para mim fazer o jogo. Aí eu pedi a ele, perguntei se eu podia fazer: ‘ - Pois não, seu Hortêncio’, ele já me conhecia, que eu comprava as coisas lá, ‘ - Vai ser até bom mesmo porque as pessoas às vezes vem comprar e o trocozinho faz uma fezinha no bicho aí eu fui para lá. Um dia uma pessoa conversou comigo disse: ‘ - Hortêncio o senhor é tão desenvolvido, conversa muito bem. O senhor estudou foi para ser padre, ou pastor o que é, o senhor



estudou? Qual é o grau de escolaridade do senhor?’. Eu nunca tinha porque eu fazia aqui, mas não fazia prova, eu não sabia aí eu digo: ‘ - Rapaz eu não sei não, eu sei que eu já estudei, mas nunca frequentei aula, escola nenhuma’. Aí fiquei pesaroso com aquela resposta que eu não pude dar ao cara, aí fui à dr.<sup>a</sup> [Francisca] Estrela, na Secretaria de Saúde, eu disse: ‘ - Dra. [Francisca] Estrela lá no Alto do Mateus tem um supletivo que a gente faz a quinta e a sexta e a sétima e a oitava, depois entra no primeiro ano e tudo mais, eu posso fazer?’ Ela disse, não só pode, como deve. Aí disse então... ‘ - Oh, doutora e se o rapaz disser que com essas mãos não tem condição de escrever ou o que foi isso na minha mão, eu vou dizer que foi hanseníase, e se ele não souber o que foi, eu digo que é uma doença que você conheceu como lepra’. Ela disse: ‘ - Olha, se você quiser dar essa resposta dê, agora só que ele não vai impedir de você estudar não’.

LM: Claro que não.

HM: Se ele não quiser ensinar, você faz assim vem aqui se ele disser: ‘ - Não, você teve essa doença não pode estudar, não sei o quê’. Aí você não debata nada com ele, vem aqui que eu vou com você lá na Secretaria de Educação e você estuda, estuda e consegue quando você precisar lá na Universidade deve ter uma cadeira para você.

LM: (risos)

HM: Eu digo: ‘ - Ah está certo’. Aí depois veio o problema da perna e tudo mais. Aí bem, eu estava... olha como aconteceu cada coisa comigo! Lá no Alto do Matheus tinha uma enfermeira que trabalhava no lecionário, aí por intermédio de outra enfermeira que teve uma mãe doente aqui disse: ‘ - Lá no Alto do Matheus está morando um casal de doentes que teve alta e saiu e está morando lá, o nome dele é Hortêncio...’ Aí disse: ‘ - Ah parece que eu já vi essa pessoa, eu vi uma pessoa chamando pelo nome desse rapaz é um que passa jogo de bicho lá na mercearia de seu fulano’. Ela disse: ‘ - É ele que passa jogo mesmo’. Aí quando chegou ela disse para o dono da mercaria que eu era leproso e que tinha saído do Hospital não sei o quê... aí ele me disse, eu digo: ‘ - Quem foi?’ ‘ - Foi a dona Socorro, uma enfermeira que trabalha lá que me disse que uma colega avisou para ela e ela ficou com medo até de vir até aqui na minha venda’. Eu digo: ‘ - Ah é, não é? ela está em casa?’ Ele disse: ‘ - Está não, ela chega de noite, ela foi para o trabalho’. Aí quando foi de noite, seis horas, eu cheguei lá na casa dela, fiquei no portão, o velho não abriu... o pai dela que morava com ela não abriu nem o portão. Eu disse: ‘ - Eu quero falar com dona Socorro’. Aí ele disse: ‘ - Ela está tomando banho chegou agora do trabalho está tomando banho’. Eu digo: ‘ - Vou esperar, vou esperar por ela’. Quando ela saiu eu disse: ‘ - Boa noite, como vai a senhora?’, ela disse: ‘ - Boa noite, o que é que há?’, eu disse: ‘ - Dona Socorro, a senhora trabalha na Secretaria de Saúde e eu acho que senhora deve ter conhecimento que o doente de lepra hoje está recebendo alta e vindo para sociedade. Não, a senhora uma pessoa que é da área de Saúde fazendo medo, a senhora disse lá... fomentar assim e assim que não era justo eu estar ali passando meu jogo de bicho. Se a senhora continuar com esse problema de espalhar que eu fui leproso, eu não me importo não, porque eu estou aqui porque a Secretaria de Saúde me botou. Agora se eu for lá dar parte de você, você sai da farmácia porque você é um agente de saúde, é para dar é... apoio às pessoas que saem do hospital não dizer que a pessoa sai e está contaminando’. Disse para essa mulher porque eu acho que a gente que teve o sofrimento que eu tive e depois tem aquela liberdade de sair daqui e acontecer de uma pessoa querer nos humilhar você sabendo que tem todo o direito de falar, ficar calado ah não é comigo. Severina disse: ‘ - Mas Hortêncio eu não tinha dito não’. Eu disse: ‘ - O quê? Ela que não

se meta porque se eu bater na Secretaria e disser a Dra. Estrela, marco com ela lá no secretário ele manda chamar ela e diz: ‘ - Você não pode...’

LM: E aí o senhor concluiu o primeiro grau todo?

HM: Aí eu terminei o primeiro grau.

LM: Isso, até a oitava série. Fez o segundo grau?

HM: Não, não fiz mais porque foi o tempo que adoeci, aí não fui mais.

LM: Hum, tá.

HM: Mas eu posso dizer: ‘ - Eu tenho o primeiro grau, não é?’.

LM: Ótimo! Que bom, que bom.

HM: Aí eu sempre pensava em escrever a minha história. Aí eu fiz muito livro, dei a outras pessoas. É tanto que tem pessoas assim, como a senhora que está conversando comigo aqui que aproveitava de conversar comigo e botava (**inaudível**) a minha trajetória de vida. Eu não nego e eu falo para todo mundo porque sempre eu penso assim que o dia de amanhã vai ser outro; hoje eu estou aqui sendo entrevistado pela senhora, a gente conversando. Amanhã vai ser outra novidade.

LM: É, com certeza..

HM: É outra novidade.

LM: Seu Hortêncio me diga uma coisa, quando foi a última vez que o senhor se lembra de ter adentrado por esse portões um paciente.

HM: Aqui para se internar? Definitivo?

LM: É.

HM: Olha, doutora assim lembrar, lembrar eu não me lembro porque é o seguinte, depois que eu sai em [19]81 chegou Nelson, Rozana e Creuza que já saiu de alta, Elza... um bocado de pessoas que vieram com problema. Veio do interior, chegou na Secretaria de Saúde, aí internaram eles...

LM: Mas agora...

HM: Porque não tinha como hoje nós temos lá no Clementino Fraga.

LM: É, o tratamento...

HM: Tem a sala de tratamento, tem a sala de hanseníase, hanseníase e AIDS.

LM: Então na década de [19]70 ainda tinha gente que...

HM: Que se internavam tinha. É, pronto, como meu sobrinho. Agora para você vê...

LM: Seu sobrinho Raimundo?

HM: Raimundo, agora para você ver com são as coisas, não é hereditário. Esse sobrinho Raimundo, o pai dele comprou uma propriedade no Ceará e moraram para lá. Quando ele veio aqui com 17 ou 18 anos foi quando eu avistei ele pela primeira vez, nós não nos conhecíamos porque... agora meu irmão que quando começou ver os sintomas dele, achou parecido comigo, aí veio com ele para João Pessoa para fazer um exame, quando fez aí fez deu positivo. Aí ficou morando comigo até a época que eu fui pra o Alto do Mateus, eu, Severina, nós dois e ela grávida de Emanuela daquela menina...

LM: Da mais nova?

HM: Da mais nova, é.

LM: E aí vocês voltaram quando para cá?

HM: Eu fui quem voltei.

LM: O senhor voltou sozinho, sem a Dona Severina.

HM: Voltei sozinho, Severina não veio.

LM: O senhor voltou quando?

HM: Até aí foi o seguinte apareceu um concurso para enfermagem. Severina fez e passou, aí veio trabalhar aqui e eu não fiz concurso.

LM: Aqui aonde? Aqui na Colônia?

HM: Aqui na Colônia.

LM: Ah, tá.

HM: Mas quando ela chegou aqui era uma diretora e ela viu que o estudo que ela tinha feito, que ela fez um curso lá fora num...

LM: De auxiliar de enfermagem?

HM: De auxiliar de enfermagem, aí disse que ia perder todinho porque aqui não tem como a pessoa...

LM: É verdade...

HM: Se desenvolver...

LM: É, é porque aqui o quadro é sempre o mesmo, não é?

HM: É o mesmo.

LM: Ela não tem essa diversidade...

HM: Aí ela foi e pediu para se transferir para o Clementino, já foi redirecionada. Aí ela está lá, ela conhece todo médico, todo mundo gosta dela, sabe que ela teve esse problema e ela tem uma mãozinha que também é assim um pouco deformada. Ela estava no encontro lá no Rio de Janeiro.

LM: Certo.

HM: Ela faz parte também do MORHAN e eu... foi o seguinte. Eu quando saí daqui, eu fiquei tomando parte de todo o movimento que se tratasse de pessoas que tiveram problemas de humilhação como a pessoa deficiente, cadeira de roda, paraplégico e aqui em João Pessoa, veio até do estado do Rio esse movimento que é significa a FCD, a FCD tem as três letras: Fraternidade Cristã de Ppessoa Deficiente. Aí eu tomei parte, eu fazia parte também eu como hanseniano e tinha também deficiência aí fazia parte; quando havia uma reunião lá no Mosteiro de São Bento eu ia, todo mundo me conhecia e a mulher do governador era quem fazia parte desse movimento dando apoio às pessoas portadoras de deficiência, em cadeira de roda para que aparecesse trabalho para eles, para trabalhar assim, pessoa de cadeira de roda, uma moça até bonita, bem feita, toda assentadinha ali, podia trabalhar como telefonista isso aquilo.... e arranjando para essas pessoas, esse tipo de trabalho aí. Eu sei que estava melhorando esse problema, não é? E eu fazendo parte de tudo... fazia parte do movimento dos negros, de tudo eu queria saber se fosse de pessoa que teve problema, eu estava por dentro. Eu fui para Minas Gerais para o movimento das pessoas portadoras de deficiência e quando nós voltamos o governador falou com a mulher dele que era Buriti, ele disse: ‘ - Olha....

LM: Tarcísio Buriti.

HM: Tarcísio Buriti, ele disse: ‘ - De cada deficiente, de cada um deles, você vai me escolher para eu contratar’, aí deficiente de cadeira de roda, um; deficiente visual outro; deficiente de problema de...

LM: Auditivo...

HM: E deficiente de sequelas pela hanseníase, só tinha eu que fazia parte. Aí ele me contratou e quando saiu o meu contrato eu estava com 57 anos. Quando nós fomos para o centro administrativo, os cinco que estavam com a carteira assinada pelo governador para sair o contrato, aí teve um chefe lá do centro administrativo que disse assim: ‘ - Esse aqui eu não vou assinar porque ele não pode, ele já está como 57 anos, não pode mais ser contratado não’. O governador não deve ter olhado o documento dele, fez o documento, não é?, aí ele disse: ‘ - Eu vou ficar com o documento dele, amanhã ou outra hora eu amostro para ele, dizer para ele o que foi que aconteceu’. Aí uma moça que trabalhava com o doutora (**inaudível**) com a mulher do governador, Joana que era prima dela, disse: ‘ - Não, eu hoje vou almoçar lá na casa dele, jantar hoje de noite lá na granja e levo e amostro para ele’. Ele disse: ‘ - Então leve e diga que ele não leu e não viu que essa pessoa já está de maioridade e não pode mais ser contratada’. Quando ela levou para mostrar: ‘ - Olha, Buriti, fulano de tal não assinou o documento de Hortêncio, todos os outros 4 foram assinados e o de Hortêncio não pôde ser porque ele já é maior...’ Aí ele disse mesmo assim: ‘ - O quê? Desde quando eu assino que não olho a... ele podia ter 100

anos eu assinava e eu quero ele contratado, eu quero que saia o contrato dele'. Quando foi para sair o meu contrato, aí eu que já estava aqui sendo... **(o gravador é desligado)** E como a gente estava falando...

LM: A gente estava na sua nomeação.

HM: É, aí eu cheguei quando foram fazer lá na Secretaria para onde eu queria ir eu disse: ' - Olha eu prefiro ficar mesmo na Colônia porque eu já estou trabalhando lá e pode me encaminhar, fazer meu documento me encaminhando para a Colônia que é o hospital de origem de onde eu saí'.

LM: Então o senhor ficou pouco tempo fora daqui, não é? O senhor saiu e...

HM: Olha, eu saí... eu não passei nem dois anos fora daqui.

LM: Nem dois anos fora, não é? Depois voltou, não é?

HM: Mas voltei porque um diretor novo que chegou aqui começou a dificuldade dentro da Colônia; os pacientes não tinham quem organizasse não sei o quê. Aí um administrador seu Menezes falou, disse: ' - Olha tinha um rapaz que saiu daqui está no Alto do Mateus. Essa pessoa era prefeito, era delegado, era tudo aqui quando chegava um paciente eu mandava para lá, ele resolvia, sabia, botava no quarto, pegava a cama, ajeitava', falou quem eu era, não é? Aí ele disse: ' - Então você pega o motorista amanhã e manda ele ir lá para ele vir aqui que eu quero conversar com ele'. Foi Dr. José Airton.

LM: José Airton.

HM: Aí quando eu cheguei ele falou comigo, ele disse: ' - Olha, seu Menezes me indicou que você era um pessoa que ia me ajudar muito aqui dentro, eu quase não entendo nem de hanseníase porque eu trabalhava...' Porque ele era médico de pegar criança, médico assim de mulher, não é?

LM: Ginecologista.

HM: É, aí eu disse: ' - Eu estou precisando de uma pessoa assim que possa me ajudar, e você venha para cá, eu não posso dar um salário bom a você, mas eu dou 500 mil reis por mês e uma cesta básica toda sexta-feira'.

LM: Está ótimo.

HM: Aí ficou bom demais para mim. Foi na época que Lúcia Braga também já tinha criado o problema da gente que tinha deficiência...

LM: Portador especial.

HM: Ter uma carteira, um passe livre nos ônibus, eu pegava 4 ônibus, aí eu digo...

LM: O senhor tinha sua autonomia, não é?

HM: É aí melhorou, não precisou mais de passar jogo de bicho e aí dava para gente viver...

LM: É verdade.

HM: Aí pronto, eu fui uma pessoa que saí daqui, fiquei lá uma temporada todinha e estava vivendo bem, quando amputei a perna voltei para trabalhar, depois fui lá em São Paulo que meu filho estava com problema na perna. Aí o médico disse assim: ‘ - Olha, vou mandar um ofício que você que tem uma perna mecânica, não pode mais trabalhar, tem que se aposentar’. Aí ele perguntou: ‘ - Qual é o seu trabalho lá na Colônia?’ Eu disse ‘Doutor eu sou uma espécie de *office boy*, eu saio da minha casa quando chego na repartição tem um monte de ofício para ir deixar na Secretaria, eu vou entregar aqueles ofícios, às vezes é ofícios para eu ir, sair nas ruas, nos supermercados’.

## Fita 2 - Lado B

HM: A gente fazia as compras. E quando era para, às vezes, fazer as compras, eu ia eu sei que levava uma vida muito ativa dentro de uma perna mecânica. E o carro da Colônia não era à minha disposição. E houve um problema, um envolvimento de Conselho, de fazer parte do Conselho de Saúde e a Colônia Getúlio Vargas vieram para aqui para tirar uma pessoa um funcionário para ser Conselheiro sobre as doenças, aí não teve, indicaram a minha pessoa.

LM: Indicaram a sua pessoa.

HM: Foi. Aí eu fiquei, passei 4 anos trabalhando no Conselho de Saúde quando havia reunião eu ia para lá, mas por Deus que o Secretário lá de noite, 9 horas quando terminava uma reunião vinha me trazer na minha porta aqui.

LM: Está ótimo.

HM: É, quer dizer que eu fui uma pessoa que tive uma longa existência, mas sempre trabalhando.

LM: Sempre atuando, sempre atuando.

HM: Sempre atuando..

LM: O senhor falou em vários momentos do seu depoimento seu Hortêncio que fulano era prefeito e tal... e como que funcionava? Isso era o quê? Vocês que faziam eleição para ver quem era o prefeito, quem era... como que funcionava a estrutura interna da Colônia?

HM: Olha...

LM: Tinha um diretor, obviamente e tal, mas assim, fora isso vocês como pacientes, opinavam?

HM: Tinha... agora faço...

LM: Nos destinos...

HM: Nós não tínhamos voz assim.

LM: Isso.

HM: Nesse ponto nós não tinha voz. Quando a pessoa era assim desembaraçada como eu sou para conversar e tudo o mais, esse seu Frederico era e ele falava o idioma dele de...

LM: Esse seu Frederico...

HM: Era, era italiano. E ele foi designado para ser o prefeito, seu Arlindo que tinha sido, saiu do quartel era soldado da polícia, foi ser o delegado.

LM: Entendi.

HM: E eu e os outros que trabalhavam como enfermeiro e ajudante assim em tudo, não é? Agora, só que quando seu Frederico aborreceu-se pediu, mas não quis mais o cargo de prefeito; pediu para sair, tirar do cargo e foi-se embora para Recife para a Colônia de lá. Aí o doutor botou eu, era o enfermeiro e o prefeito.

LM: Então, eram essas duas instâncias, vamos dizer assim de poder que tinha, o prefeito o delegado, só?

HM: Não, tinha o prefeito, tinha o delegado, tinha o enfermeiro...

LM: Isso.

HM: E tinha a pessoa que leva comer aos presos, é o carcereiro que trabalhava de carcereiro, porque a gente pegava o comer do preso e a pessoa ia deixar lá na cadeia que tinha uma cadeia com grade, com tudo.

LM: Aqui tinha uma penitenciária?

HM: Tinha.

LM: Mas quem ia para penitenciária aqui, seu Hortêncio?

HM: Eu ou qualquer um, eu nunca fui. O doutor dizia que a minha ficha era como a ficha de uma moça, eu nunca precisei, mas os outros... se a senhora era uma paciente, porque mulher ia também... chegava e ia desobedecer as ordens porque quem está tomando remédio, se tratando, não pode beber, aparecia bêbado dentro da Colônia.

LM: Ah, entendi.

HM: Aí botava preso. A primeira falta que a senhora caísse por causa de bebida, por briga, nunca houve aqui não, com esse pessoal não, mas por cachaça ia. Tinha um João Francisco que dobrou que era o seguinte: Ele caiu na primeira falta pegou três dias de cadeia.

LM: Entendi.

HM: De cadeia os três dias ele não tomou nem banho de sol, passou-se, passou-se, não passou nem um mês a mesma falta, aí foi seis.

LM: Seis, aí ia duplicando, 12.

HM: É, 12. Aí ia aumentando aí chegou a 90, em 90 parava. Quando tinha uns 90 dias aí ele... a tarde se o carcereiro tivesse com tempo, ia lá abria a cadeia, ele tomava um banho de sol depois entrava e esse carcereiro foi muitas vezes..... eu gostava de fazer isso com eles. Eu não trabalhava na roça, de enxada eu nunca quis negócio com a enxada.

LM: O senhor já foi carcereiro, então?

HM: Já, eu ia para lá.

LM: E ficava cheia essa cadeia, essa penitenciária?

HM: Às vezes tinha dois, três.

LM: Dois, três. Puxa!

HM: E teve um preso perigoso; ele dentro da cadeia em João Pessoa foi descoberto que ele estava com hanseníase aí...

LM: Aí ele veio para cá?

HM: Aí ele era um preso muito perigoso, aí veio para aqui. E dr. [Humberto] Cartaxo ao menos disse a nós, a mim mesmo que eu tivesse todo cuidado, não era para dar liberdade a ele de jeito nenhum e eu dava. Assim, ele disse que não era para dar banho de sol. Aí o José Ferreira dizia: ‘ - Hortêncio, com você aqui você pode me dar o banho de sol porque eu lhe garanto que não vou correr nem fugir’. E ele era um preso perigoso. Eu soltava ele e ficava lá debaixo das árvores, dos cajueiros conversando mais ele, tomava banho de sol, ele: ‘ - Seu Hortêncio, já está bom, agora vou me recolher’. Fazia isso com ele, ele disse: ‘ - Enquanto for o senhor eu nunca vou fazer’.

Um dia entrou outra pessoa, parece que ele não se deu bem, quando foi um dia ele arrombou a cadeia e fugiu. Aí veio de Santa de Rita escoltado foi preso, aquela confusão danada, tiraram a roupa dele, o pobre ficou só (**inaudível**), pegaram a roupa e esconderam eu ficava... não gostava daquela situação não. Teve um rapaz aí que teve problema mental, ele não se dava com ninguém, nem com a enfermeira sabia, mas comigo eu chega dizia: ‘ - Cazuzá’. Ele ficou alterado, o pavilhão vinha me chamar. Eu chegava lá, já ia com a injeção digo: ‘ - Cazuzá chegou a hora de tua injeção, eu vim aplicar’. ‘ - Está certo nego, venha’. Aí sentava na cama eu botava naquele... (**inaudível**) era uma injeção que a gente aplicava e ele dormia. Toda vida, ele nunca alterou-se comigo, mas com a outras enfermeiras que tinha...

LM: Ele não se dava muito bem.

HM: Não se dava. Esse dom foi Deus que me deu de sempre ter pessoas assim que trabalhava... que trabalhou comigo e gostava de mim.



LM: Certo. Seu Hortêncio o aniversário de vocês era comemorado aqui? Vocês faziam festa?

HM: Fazia entre nós.

LM: Natal?

HM: Ah o Natal era... natal, carnaval vinha as coisas de lá.

LM: De lá aonde?

HM: Da administração.

LM: Entendi.

HM: Vinha guaraná, vinham aquelas caixas grandes de biscoito sortido para fazer o nosso carnaval. Vinha camisa de listra, calça branca. Às vezes eu fazia um bloco, saía trajado de mulher, os homens ia para dentro de uma casa que tinha ali dentro de um paciente, a gente ia se arrumar e o bloco saía, ele tocando e a gente dançando, marcando o passo. Olha, doutora aconteceu um caso aqui na Colônia comigo que o pessoal se admirou, não faz nem dois meses..... dois anos - que essa minha televisão, eu fui almoçar na casa de um afilhado meu, daquele rapazinho de lá, mãe dele... ela num domingo matou galinha e mandou me chamar para eu ir almoçar lá; eu fui, almocei depois inventaram uma brincadeira de dominó, eu disse: ‘ - Olha, eu não posso, não vou brincar não, porque eu tenho que estar lá na Colônia que agora de duas horas vai haver um encontro na igreja, vai ter uma celebração e eu sou uma das pessoas que faço parte, vou ler a Bíblia e falar também eu disse: ‘ - Fica para outra vez’.

Aí quando eu vim, aí eu vim me embora quando eu cheguei na parada de ônibus tinha um rapaz conhecido meu, mas não conhecia bem ele não, mas ele sabia do meu nome aí disse assim: ‘ - Já vai seu Hortêncio? Tudo em ordem seu Hortêncio?’, bem alto conversou comigo. Eu digo: ‘ - O xente, eu não conheço nem bem esse rapaz’. Aí eu parei, fiquei conversando com ele, ele falando bem alto os outros que estavam aqui dentro para correr e ir se embora aí, levaram minha televisão. E televisão, levaram o ferro de engomar, o liquidificador...

LM: Que coisa!

HM: E saíram. Essa porta aí tinha saído arrombada. Aí eu cheguei os documentos tudo espalhado no chão, roupa revirada do guarda roupa que tinha. Aí eu voltei, fui na casa de Severina chamar ela, que é a mãe dos meninos, para vir ajeitar meus documentos junto comigo e que eu estava... que tinham roubado a minha casa e tinham roubado minha televisão e tudo mais. Ficamos lá enquanto ela ajeitou lá as vasilhas delas que ela estava se arrumando, arrumando a cozinha, disse: ‘ - Espera aí compadre nós vamos, você fechou a casa, já esta roubado espera que nós chega já’. Aí demoramos um pouco quando eu cheguei a televisão estava em cima da cama.

LM: Da cama.

HM: O cara veio e colocou. Depois de bem um mês eu soube que os três caras que levaram quando chegou aí dentro de uma casa aonde eles se reuniam que era para saber: ‘ - Olha

você... arranjamos isso, isso vamos vender, não sei o quê... aí diz que um deles disse assim: ‘ - Oba! Se foi pegar uma televisão nós vamos pegar dinheiro hoje não sei o quê... de onde foi, daí de dentro?’ Ele disse: ‘ - Foi’. Ele disse: ‘ - Onde foi?’ Ele disse: ‘ - Foi dessa última casa aí aonde tem aquela jaqueira na frente’. Ele disse: ‘ - O quê? Da casa daquele velho? Ah, não de lá não, vão deixar lá agora, de jeito nenhum não quero não, não é para ficar não’. Aí vieram com o maior trabalho...

LM: E devolveu?

HM: Quase que vinha trazer comigo aqui. Depois de bem um mês foi que eu soube que a televisão tinha voltado porque essa pessoa disse: ‘ - Olha, aquele velho a gente chega lá diz: O senhor tem um real para me dar para interar minha passagem para ir para João Pessoa...’ Que era..... os caras de engraxate, não é? Às vezes eu vinha aqui dentro tirava que eu sempre tinha uma..... **(inaudível)** e aí eles vinham, botava... eu digo: ‘ - Esse próprio precisa ganhar o dinheiro dele’. Ele chegava e dizia: ‘ - Seu Zé eu estou como fome me dê um machado, deixa-me subir para olhar se eu arranjo jaca madura?’ Aí eu dizia: ‘ - Pode subir, agora se tiver mais de uma, tire uma para mim que eu não posso subir’. ‘ - Está certo seu Hortêncio’. Sobe, tira aí, traz. Aí nós tínhamos um sargento, um dia o sargento veio falar comigo de um rapaz aí que trabalha na colônia também, Severino que ele faz parte desse movimento, aí ele disse: ‘ - Olha Hortêncio, a gente não vai acabar nunca com ladrão, com esses maconheiros e esse pessoal aqui dentro porque a gente dá ordem para eles não tirarem nada, chega um danado sobe... um dia o sargento chegou tinha um... ‘ - Desça daí, não sei o quê...’ Ele disse: ‘ - Mas esse pé de árvore foi o homem aí dessa casa que mandou’. Disse: ‘ - E foi?’ Ele disse: ‘ - Foi’. Ele chegou: ‘ - Hortêncio, você mandou esse cara subir?’ Eu disse: ‘ - Mandei’. ‘ - Mas para que se faz isso, como é que a gente acaba com esse povo?’ Eu digo: ‘ - Olha sargento o senhor acaba para ele não fazer nas árvores da Colônia, mas da minha, é minha e eu dou a quem eu quiser’. Aí, resultado, ele resolveu dizer: ‘ - Não tem jeito não, o Hortêncio faz o que ele quer, no que é dele e tudo mais’. **(muito barulho de uma criança)** Eu tenho um pé de fruta, foi Deus que me deu, eu pegar e vender um fruta? Eu não preciso não.

LM: Seu Hortêncio me diga uma coisa, qual é a avaliação assim que o senhor faz, o senhor viveu a vida do senhor inteira praticamente com a doença, com a hanseníase, não é? Ao longo do tempo qual é a avaliação que o senhor faz acerca do estigma da doença? O senhor acha que nos últimos tempos ele melhorou...

HM: Demais até.

LM: O senhor acha que ainda é uma doença...

HM: Melhorou.

LM: O que o senhor tem a dizer a respeito disso?

HM: Olha, eu tenho a dizer o seguinte: - Que a surpresa foi tão grande para nós, apesar de nem todos reconhecerem assim como eu.

LM: Que surpresa?

HM: A surpresa de coisas boas que aconteceu na nossa vida que antes nós não tínhamos, mas ao longo dos tempos foram-se passando, as coisas foram melhorando ao ponto que chegou. Não chegaria uma pessoa sã vir sentar na minha mesa junto com você, comigo e conversar, como vem a diretora chega aqui, pede uma fruta e quando tiver eu dou, eu levo e ela recebe e come e tudo mais. Isso para mim são coisas que nós só temos que agradecer a Deus. Agora, tem pessoas que não procuram, querer falar no assunto que já se passou com a situação dele. Eu não, **(pigarro)** eu faço questão de dizer que o quê aconteceu de ruim com nós ou comigo, não está acontecendo. E que as pessoas... vem o grupo esperança, chega lá cada um moça bonita... quer ver uma coisa? É a Miss Paraíba.

LM: A Miss Paraíba 2003, Mariana Neiva...

HM: Neiva.

LM: O que tem ela? Ela veio até aqui?

HM: Ela faz parte, ela faz parte do grupo Esperança, ela vem toda vida. E ela faz questão de tirar retrato...

LM: Ela vem aqui? Até a Colônia?

HM: Vem.

LM: Olha!

HM: Ela chega aí. Ali onde nós estava reunido, ela dança comigo.

LM: A Miss Paraíba.

HM: Miss Paraíba.

LM: Bonita, hein!?

HM: Dança comigo, fica de braço comigo para tirar retrato, dá-me cada arrocho medonho, beija de um lado, beija de outro de mim. Ela faz tudo isso e a gente conhece porque eu pelo menos, que eu tenho uma certa experiência, se a senhora tiver fazendo uma coisa comigo para se amostrar que eu não estou medo daquele leproso, mas eu tenho medo dele que às vezes aparece pessoas dessa natureza...

LM: Que finge que não tem receio, mas tem.

HM: Que finge que não tem, mas lá no fundo, no fundo a gente sente...

LM: Que tem.

HM: Aí ela veio, foi para o Rio ganhou esse concurso de Miss. Só não ganhou de Miss Brasil, mas é Miss Paraíba, foi ela ganhou.

LM: Muito bonita. Quer dizer que o senhor já dançou várias vezes com ela?

HM: Já.

LM: Olha, seu Hortêncio.

HM: Quando eu dancei a primeira vez, ela não era Miss, ela agora veio como Miss que a mãe dela veio... ela trabalha em filme e tudo mais. Quer dizer é uma coisa até...

LM: É uma mudança...

HM: É, é uma mudança total até não acreditava, porque quem era eu com os meus 17 anos, um sujeito piorado. Agora eu sou uma pessoa, só Deus sabe quem sou e eu graças a Deus eu tenho prazer de dizer quem sou eu. Cheguei em Bauru, uma doutora de lá que ela fazia plástica e estava no Japão fazendo um curso por lá. Quando voltou, soubemos que ela tinha chegado, ela entrou um dia no salão onde eu estava... no salão não, no quarto tinha quatro camas, tinha um bocado de pessoas pioradas. Ela disse: ‘ - Olha, eu acabo de chegar, fiz um curso de plástica, quem é de vocês que querem fazer assim uma modificação, quem não tiver sobrancelha pode fazer a sobrancelha, pele do olho que é engelhado. Eu fiz, quando eu voltei o pessoal se admiraram os caras lá pediam o que quisessem, eu decido agora da sobrancelha ficou perfeito, só não ficou perfeito porque ela não me orientou quando a gente faz, tira daqui...

LM: Tira da nuca?

HM: Da nuca, aquele pelozinho do alto.

LM: O pelo da nuca e coloca na sobrancelha?

HM: É bem raspadozinho, aí prega aqui.

LM: E implanta na sobrancelha.

HM: E implanta na sobrancelha, a sobrancelha cortada, não é? Implanta. Agora, só que no período do crescimento, como ela chama os brotos estão crescendo, estão nascendo, coça muito e eu não sabia.

LM: Aí coçou...

HM: Era aquela coceira, aí eu fazia assim olha... quando um dia que ela veio, ela disse: ‘ - Oh Hortêncio, está saindo de um dado e de outro, o senhor não bota a mão aí não’. Eu disse: ‘ - Não, doutora eu não aguento coceira não, eu coço’. ‘ - Ah, senhor Hortêncio, o senhor perdeu a sua operação, não era... era para ter sido avisado que você não podia nem colocar aí... passasse bem de levezinho porque aí você matou os brotos que estavam nascendo’ Ainda tem, que às vezes eu corto, pelo mesmo porque cresce como quem seja os cabelos da cabeça, não, é? Ele não fica. E do rosto assim, minhas orelhas foram cortadas porque eram muito grandes, murchou aí ficou... se fizesse assim, pendurava, não é?

LM: Isso.

HM: Aí cortaram bem direitinho, com aquela carne da orelha suspendeu o nariz de um lado e de outro, que o meu nariz tinha sequelado.

LM: Tinha sequela, não é?

HM: É, teve sequela do nariz, e só dos lábios foi que não pode fazer, mas os outros não queriam, mas eu disse: ‘ - Olha, eu quero me reformar’. Aí ela disse: ‘ - Hortêncio, eu vou lhe explicar uma coisa, você come direitinho, escreve e diz que bate até na máquina, tem possibilidade da gente tirar nervos da sua perna e corta aqui, emenda e você fica com os seus dedos estirados. Só que já faz muitos anos que você está nessa posição, com essa mão desse jeito, não vai ter condições de voltar a ter força e pegar as coisas, você vai passar pelas pessoas e elas não vão nem notar que você tem defeito nas mãos, mas você vai ser prejudicado, você não vai pegar num copo, vai ser a maior dificuldade porque não tem força’.

LM: Então, é melhor ficar assim, não é seu Hortêncio?

HM: Aí eu disse: ‘ - Olha, doutora, se fosse para mim operar e eu ficar perfeito assim, com as mãos perfeitas e fazendo o que eu faço com elas assim mesmo, eu prefiro ficar desse jeito’. ‘ - Muito bem era isso que eu queria dizer a você, que não ia adiantar’. Lá teve muitas pessoas que fizeram assim. Um cara começou com hanseníase novo, aí vem uma atrofia das mãos, eles operavam...

LM: Faz imediatamente.

HM: Faz, mas eu já estava muito antigo.

LM: É, já tinha muito tempo, não é? Que estava com sequela.

HM: Com sequela.

LM: Está bom seu Hortêncio, tem alguma coisa a mais que o senhor queira falar, alguma coisa que eu não queira... que eu não tenha perguntado, que o senhor acha interessante falar sobre a sua vivência, sobre a experiência do adoecimento. Fica à vontade.

HM: É, olha, a experiência da gente... eu, como criança, eu só tive o seguinte: de procurar fazer com que a minha mãe não saísse daquele ranchinho transtornada de dor porque deixou eu chorando. Aí eu procurava fazer tudo e como, de fato, eu era realista. Eu dizia: ‘ - Isso aqui não vai ser todo o tempo não. Eu não vou viver assim toda vida, eu sempre pensava nisso e nunca dei demonstração à minha mãe que eu estava afligido. Mataram meu irmão, eu não pude ir lá, não vi, uma tia minha, essa tia que eu já falei dela, a gente chamava ela titia, o nome dela era Anunciada.

LM: Certo.

HM: E ela morreu, a minha prima Dulcinéia disse: ‘ - O tia moça, era bom trazer Hortêncio para ver mamãe, ele gostava tanto de mamãe’. Ela disse: ‘ - Dulcinéia, o Hortêncio está tão piorado, não vou trazer não, se Hortêncio chegar aqui nessa sala para ver aquela tia dele, quem tiver aqui e souber que ele veio, hoje não vai ter o velório dela porque ninguém vem mais nessa sala.’

LM: Nossa Senhora!

HM: ‘Hortêncio não está em condições de ir numa casa olhar uma determinada coisa, ele se conforma com a situação. Ele chorou...’ porque essa tia chegou uma vez a ir lá onde eu estava, porque o povo não ia não, não; ia só mamãe e papai, ninguém porque fazia medo que o vento desse, a favor do vento e o micróbio pegasse na roupa, a pessoa trazia para casa, aí eles tinham essas coisas.

LM: Era muita crença falsa que faziam à respeito da doença.

HM: Era muita coisa negativa sobre a doença, mas graças a Deus eu... eu já fui gente vitorioso até demais porque quando houve o primeiro encontro do MORHAN que agora foi comemorado o...

LM: XI°

HM: Eu fui no primeiro. A sede era em São Bernardo do Campo, mas foi num Convento em Santo André. Daqui foi eu, não teve ninguém que queria, aí eu fui, veio a passagem de avião, foi a primeira vez que eu andei de avião.

LM: Lembra que o senhor falou: ‘ - Ainda vou andar naquilo lá em cima’. (risos)<sup>5</sup>

HM: Pois é, aí eu cheguei lá, contei o que tinha se passado comigo e tudo o que estava acontecendo de bom porque até mesmo lá em cima, a moça sabia que a pessoa era portadora da doença, mas a aeromoça não tinha assim preconceito.

LM: Certo.

HM: Perguntaram se eu podia abrir aquelas comidas que vem tudo bem...

LM: É, embalada, não é?

HM: Embaladazinha e me ajudava a descer a escadaria se eu não pudesse. E tudo aquilo era vitória para mim, eu achava que era vitória, aí eu me lembrava: ‘ - Quem foi eu dentro daqueles matos criando passarinho’ Que no livro.. espero que a senhora tenha... a senhora não quer levar um não?

LM: Eu vou levar, eu vou levar sim. Eu posso? Então, a gente pode encerrar seu Hortêncio?

HM: Pode.

LM: Então eu queria lhe agradecer pela entrevista, muito obrigada, obrigada.

---

<sup>5</sup> A entrevistadora se refere ao avião como meio de transporte.